

PAOLA CARMELO ALBERTIN

A BRINCADEIRA NA ESCOLA:
RELAÇÕES ENTRE SIGNIFICAÇÕES DE CRIANÇAS E PROFESSORES

SANTOS

2011

Paola Carmelo Albertin

A brincadeira na escola:
Relações entre significações de crianças e professores

Monografia apresentada à Universidade
Federal de São Paulo – Campus Baixada
Santista como requisito parcial à obtenção
do grau de Psicólogo.

Santos

2011

ALBERTIN, Paola.

A brincadeira na escola: relações entre significações de crianças e professores / Paola Carmelo Albertin. – Santos, 2011.
82 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campus Baixada Santista, 2011.

Curso: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Domingues Roman

1. Psicologia Educacional 2. Aprendizagem. 3 Jogos e Brinquedos I. Orientador (ROMAN, Marcelo) II. Título. III. Unifesp – Campus Baixada Santista.

CDD 150

Ficha Catalográfica – Biblioteca – UNIFESP, Campus Baixada Santista.

Paola Carmelo Albertin

A BRINCADEIRA NA ESCOLA:
RELAÇÕES ENTRE SIGNIFICAÇÕES DE CRIANÇAS E PROFESSORES

Monografia aprovada em 07/12/2011 para obtenção do grau de Psicólogo.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Domingues Roman

Parecerista: Prof. Dra. Andrea Perosa Saigh Jurdi

Primeiramente, dedico a *mim*,
por chegar até aqui e, escrever a minha história!

Aos meus pais, *Silvia e Atair*,
por me ensinarem a voar!

Aos meus irmãos, *Ca e Mu*,
pois sem eles muitos capítulos não teriam a menor graça!

E, à *criança interior de cada um...*
sei que ela está aí!

AGRADECIMENTOS

Este é o fim de mais um capítulo da minha história! Momento em que tantas pessoas vêm em pensamento, tantas recordações... Após cinco anos, ao estar escrevendo estas palavras não só me lembro daqueles que estiveram comigo durante a faculdade, mas daqueles que mesmo distantes também estavam. E, daqueles que estiveram muito antes, quando tudo isto ainda era um sonho...

Primeiramente, agradeço a todas as crianças que passaram pela minha vida, são elas minha grande inspiração! Principalmente os meus primos: Cleber, Cintia, Ca (Manu), Fe, Gui, Gustão, Rafa, Ma, Fe, Gi, Caio, Sabé, Thayná, Davi e Miguel (o mais novo de todos), pois foi com eles que eu brinquei, descobri o mundo, aprontei, quis ser igual, cuidei, dividi... e, ainda continuo fazendo tudo isso! Vocês são a minha infância viva!!!

Às minhas outras crianças: Ká, aquela que estive ao meu lado quando comecei a andar, e também quando decidi voar. Sua pequena Duda, aquela que brinco até por telefone... Éri, minha irmãzona, que me acompanhou durante esses anos, me apoiando com suas palavras e estando perto em pensamento. Seu pequeno Rafinha, o “sem tipo” que ganhou meu coração de um jeito indescritível. E, Fe, o “Feio” que faltava para completar a minha família urso! ... Nanda, aquela com quem dividi tantos momentos e cresci junto! ... Fe, pelas conversas intermináveis pela madrugada, pelo encontro inesquecível e, por dividir comigo a coragem de seguir um sonho! Gabi, aquela com quem dividi a “pós”, e com quem decidi dominar o mundo! ... E, a Lú, aquela que chegou nos acréscimos finais, mas meio sem querer, com seu jeito de ser e a sua graça, conquistou sua parte na história e entrou na brincadeira... Algumas crianças crescidas, mas que não deixaram de ser criança! Saibam que independente do tempo, o importante é a intensidade!

A toda minha família, que me proporcionou tantos momentos... que me apoiou em todas as horas, me dando força e coragem para seguir o meu caminho e conquistar os meus sonhos!!! Cada abraço de despedida era uma força para continuar, acreditar em mim, e ir além... Amo vocês!!!

Àquela que sempre me acompanhou e ganhou um grande lugar na minha história, *Bia*! Além de me dar uma família santista e levar comigo a brincadeira a sério, dividiu comigo o seu jeito de ser criança!!! Um muito obrigada seria pouco...s2

Às meninas, Su, Lia e Lis, e também a Bia, que junto comigo viveram e dividiram a nossa formação, além das conversas, risadas, fotos na sacada, bilhetes e história com três palavras... Ah, isso vai deixar muita saudade!!! Não esquecendo que estamos no Google Maps... Um brinde às futuras psicólogas!

Ao meu orientador Marcelo, que durante esses anos me acompanhou, me ensinou, com muita dedicação e carinho. E, brincou comigo de ser sério e foi sério comigo na brincadeira!

Agradeço a toda escola que me acolheu durante o estágio, a extensão e a pesquisa. Foram momentos marcantes em meu processo de formação que recordarei sempre.

“Quero viver a espontaneidade
Em meio à fantasia e a criatividade
Louca por arte e travessuras
Desvendando o mundo ao viver aventuras
Cheia de planos, vontades e sonhos
Livre pelos tão criados mundos
Irradiando vida através dos sorrisos e olhares
Gestos, afetos, palavras...
Sinceridades, verdades e intensidades
E ser singela tal qual uma criança
Aquele que nunca se perde na dança...”

Paola Albertin

RESUMO

O brincar é a ação lúdica por excelência, que ensina e desenvolve a criança, mas também encanta os olhos do adulto que a observa, pois, sendo algo inerente à infância, possui múltiplas dimensões. Esta pesquisa parte do brincar visto como “natural” para serem levantados questionamentos a fim de entender a complexidade do que frequentemente é visto como simples, trazendo o mundo da brincadeira infantil para dentro da escola e estabelecendo, assim, uma relação entre o brincar e o aprendizado escolar.

Segundo Vygotsky, o brincar potencializa tanto o aprendizado como o desenvolvimento e, portanto, deveria ser bem utilizado pelos professores na escola como dispositivo de aprendizagem. Entretanto, não é isso o que geralmente ocorre.

A partir dos resultados da iniciação científica “A brincadeira no desenvolvimento e na aprendizagem infantil: Uma análise a partir do olhar do professor”, notou-se que não só a expressão lúdica como também a fala das crianças são pouco valorizadas, menosprezando-se a apropriação delas sobre o processo de aprendizagem. Com base nesses resultados, na presente pesquisa realizou-se uma entrevista grupal com dez crianças para que se tivesse contato com suas concepções sobre o brincar e as atividades realizadas pelas professoras. Esta entrevista foi analisada relacionando-a com a entrevista da professora dos mesmos alunos realizada no ano anterior, buscando uma proximidade entre diferentes perspectivas e entre estas e as observações da pesquisadora.

A definição e os limites sobre o que é a brincadeira são muito amplos e, por vezes, até subjetivos. Elencou-se, portanto, a visão que os alunos têm destes limites, assim como a da professora para se aproximar de suas concepções e entender melhor como eles vêem o brincar na escola. Também foram ressaltados alguns dos papéis exercidos pela brincadeira na escola, principalmente aqueles que permeiam a relação entre a professora e os alunos. A valorização tanto da fala das crianças quanto a dos professores, relacionando suas significações sobre a brincadeira, mostrou que as atividades desenvolvidas na escola devem ser construídas na relação, proporcionando um sentido e propriedade sobre o processo de aprendizagem para ambos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 O Brincar, 11

1.2 O desenvolvimento infantil e a aprendizagem na perspectiva histórico-cultural, 13

1.3 O brincar na escola, 15

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral, 19

2.2 Objetivos Específicos, 19

3. METODOLOGIA

3.1 Cenário de pesquisa, 20

3.2 População de estudo, 20

3.3 Produção de Dados, 20

3.3.1 Entrevista grupal, 21

3.3.2 Entrevista com a professora, 22

3.4 Análise dos Dados, 23

3.5 Procedimentos Éticos, 24

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O que é a brincadeira, 26

4.2 A multiplicidade do brincar, 28

4.3 O lugar dado à brincadeira, 31

4.4 As significações do brincar, 33

4.4.1 Significações da professora, 34

4.4.2 Significações das crianças, 34

4.5 Os papéis da brincadeira, 35

4.5.1 Como fuga, 35

4.5.2 Como recompensa ou castigo, 36

4.5.3 Como facilitadora do aprendizado, 37

4.5.4 Como organização, 38

4.5.5 Como conduta, 39

4.6 A brincadeira na relação professor-aluno, 40

4.6.1 O papel da professora, 42

4.7 A vivência como pesquisadora, 43

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala de infância não é difícil associá-la a brincadeiras e brinquedos. Muitas sociedades acreditam que a brincadeira faz parte e é essencial ao desenvolvimento infantil. Por meio da brincadeira, a criança adquire uma ampla estrutura para lidar com as mudanças das necessidades e da tomada de consciência, que se relacionam com ações na esfera imaginativa, na criação das intenções voluntárias, nas motivações intrínsecas e nas oportunidades de interação com o outro. A brincadeira contribui, assim, de forma decisiva para o desenvolvimento da criança (Queiroz, 2006).

Contudo, o meio cultural em que a criança nasce e está inserida é fator fundamental de seu desenvolvimento, pois nele existem repletas significações sociais e historicamente produzidas, definidas e codificadas, as quais são constantemente ressignificadas e apropriadas pelos sujeitos em relação, constituindo-se como motores do desenvolvimento (Vygotsky, 1998).

Observa-se, portanto, que há um forte elo entre a cultura e a criança, que é claramente observado nos jogos e brincadeiras tradicionais e populares, principalmente os que ocorrem na rua. A partir dele aprendem-se vocabulários, habilidades e formas de se relacionar. Portanto, pressupõe-se que com a brincadeira também ocorra um aprendizado social.

1.1 O Brincar

Existem muitas formas de compreensão acerca do brincar; a ele são atribuídas várias características, que dependem da maneira de elaborar e manifestar significações, a partir do que se valoriza em cada cultura.

Para Bruner, “Ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados” (apud Kishimoto, 2008, p.143), valorizando mais o processo do que a finalidade do brincar, potencializando o efeito e não a causa da ação.

Segundo Brougère (1998), ao brincar a criança transforma suas ações simbólicas para o mundo real. É brincando que a criança se comunica com os outros e consigo mesma, favorecendo a internalização da linguagem e a utilização desta como instrumento de pensamento. Além disso, “a brincadeira da criança não é instintiva, mas atividade objetiva, que tem como referência sua percepção do mundo dos objetos e símbolos humanos, os quais determinam a forma e o próprio conteúdo de seu brincar.” (Vygotsky, 1998, p.55).

O brincar, portanto, não é simples, como se poderia imaginar a partir do senso comum. Ou seja, o brincar não é somente reação às influências recebidas de outras crianças, dos pais e professores ao ensinarem uma brincadeira nova às crianças. A brincadeira carrega características sociais, formas culturais de se relacionar com os outros, assim como impulsiona a aprendizagem e o desenvolvimento.

Huizinga (apud Dallabona & Mendes, 2004) é um dos primeiros autores que estudou o jogo em diferentes culturas e línguas e suas aplicações nas línguas grega, chinesa, japonesa, hebraica, latina, inglesa, alemã, holandesa, entre outras. Em seus estudos verificou a origem da palavra em português, “jogo”; em francês, “jeu”; em italiano, “gioco”; em espanhol, “juico”. Jogo advém de “jocus” (latim), cujo sentido

abrangia apenas gracejar ou traçar. Percebe-se, portanto, uma variabilidade de termos que se assemelham, mas podem ter significados diferentes em cada cultura.

Assim, segue a definição de alguns termos definidos no dicionário Larousse (1982):

Jogo - ação de jogar; folguedo, brinco, divertimento. Seguem-se alguns exemplos: jogo de futebol; Jogos Olímpicos; jogo de damas; jogos de azar; jogo de palavras; jogo de empurra;

Brinquedo - objeto destinado a divertir uma criança, suporte da brincadeira;

Brincadeira - ação de brincar, divertimento. Gracejo, zombaria. Festinha entre amigos ou parentes. Qualquer coisa que se faz por imprudência ou leviandade e que custa mais do que se esperava: aquela brincadeira custou-me caro.

É preciso que se faça uma reflexão sobre esses termos, assim como diz Brougère (2010) ao enfatizar que a brincadeira é caracterizada pela possibilidade da criança ser ativa em situações sem consequências imediatas e incertas quanto aos resultados.

1.2 O desenvolvimento infantil e a aprendizagem na perspectiva histórico-cultural

Segundo Vygotsky, o aprendizado começa muito antes da criança frequentar a escola. Como num processo “natural”, a criança vai sendo exposta a situações que exigem dela um aprendizado específico. “O aprendizado e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.” (Vygotsky, 1998, p.110).

Para se aproximar da teoria de Vygotsky é necessário entender a forma como ele vê o desenvolvimento da criança e se apropriar de seus conceitos. Vygotsky introduz uma nova forma de entender o desenvolvimento, enfocando o que está em processo de consolidação, ou seja, aquilo que a criança consegue efetuar com auxílio de outra pessoa. Porém, não deixa de levar em consideração o desenvolvimento já consolidado,

aquilo que a criança já tem autonomia para realizar, nem o que a criança não consegue fazer mesmo com auxílio. O que existe entre o que já está consolidado e o que a criança não consegue fazer mesmo com auxílio de outros é a *zona de desenvolvimento próximo*.

A partir deste conceito, pode-se dizer que as dinâmicas de desenvolvimento de cada criança podem ser diferentes, pois a zona de desenvolvimento próximo revela que cada um possui um ritmo próprio de crescimento.

Para Vygotsky, os processos de desenvolvimento e do aprendizado são processos distintos:

“o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado; desta sequenciação resultam, então, as zonas de desenvolvimento proximal” (1998, p.118).

Assim como o brincar estimula a percepção de mundo, potencializa as relações entre as crianças, “o aprendizado desperta vários processos internos, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.” (Vygotsky, 1998, p.117).

É necessário esclarecer que para Vygotsky o aprendizado adequado favorece o processo de desenvolvimento mental, disparando novos processos de desenvolvimento impossíveis de se efetivarem sem aprendizado, enfatizando-o como necessário para o desenvolvimento de funções psicológicas humanas organizadas culturalmente.

Ressalta o autor, ainda, que o aprendizado escolar, ou seja, o aprendizado sistematizado produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança, relacionado à apropriação de conceitos científicos. Também aponta que construir conhecimento implica numa ação partilhada, num processo de mediação entre sujeitos, na interação social como indispensável para a aprendizagem.

1.3 O Brincar na Escola

Na idade escolar, a criança passa grande parte do seu dia dentro de instituições educativas e, por isso, nelas o brincar frequentemente se manifestará. Porém, sabe-se que o brincar não é necessariamente bem-vindo na escola. Na maioria das vezes é visto como indisciplina e assim que se inicia já é interditado pelos professores. Talvez o pátio e a quadra sejam os únicos lugares em que o brincar é aceito dentro da escola.

Dessa forma, os professores e o ambiente escolar vão contra o caráter potencializador do brincar, deixando de lado um aliado das ações educativas, promotor de um maior aprendizado, e conseqüentemente, potencializador do desenvolvimento infantil, como enfatiza Vygotsky.

Esses valores só estão presentes na educação infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil,1996), que tem como premissa promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade. Esta mesma lei defende o pluralismo das ideias e das concepções pedagógicas, a fim de garantir excelência na educação.

Consoante a LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 1999) determinam que as instituições devem promover, além da educação formal, práticas de cuidado e integrar os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais da criança, possibilitando o desenvolvimento integral. Entre os fundamentos norteadores da educação infantil, essa resolução inclui a ludicidade e a criatividade. Porém, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental (Brasil, 1996) não se fala mais sobre a ludicidade, mas um de seus princípios fala sobre a criatividade.

Art. 32º. São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

I – As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas:

(...)

c) os Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (Brasil, 1998)

Para o ensino fundamental, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), o único momento em que se remete ao lúdico está no ensino da Artes

A ação artística também costuma envolver criação grupal: nesse momento a arte contribui para o fortalecimento do conceito de grupo como socializador e criador de um universo imaginário, atualizando referências e desenvolvendo sua própria história. A arte torna presente o grupo para si mesmo, através de suas representações imaginárias. O aspecto lúdico dessa atividade é fundamental.

Verifica-se, com base nestes documentos, que de fato há uma preocupação legítima em promover melhores condições de desenvolvimento por meio da ludicidade. Nesse contexto, a inserção do brincar pode constituir-se em um elemento importante para o ensino.

Então, por que essa preocupação está presente só na educação infantil?

Essa limitação para a brincadeira dentro da escola se choca com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que inclui o direito ao lazer, à diversão e a serviços que respeitem a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento. Enfim, não delimita a idade em que o lazer deve ser garantido. Portanto, é importante pensar que, na educação fundamental, as crianças ainda brincam, não havendo um limite cronológico para as brincadeiras, que vão sendo adquiridas e transformadas em novas formas de brincar.

A escola deve tanto ensinar como desenvolver seus alunos. E os educadores são grandes incentivadores e propagadores de valores culturais para as crianças, pois são eles que passam grande parte do dia com elas. Faz-se necessário que eles percebam a

potencialidade que o brincar tem para a criança em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento para além das limitações legislativas. Enfim, a valorização do brincar deve ir além de questões cronológicas, mas estar presente nos momentos em que se percebe sua potencialidade.

Contudo, Dantas (2008) enfatiza que o brincar não pode ser uma obrigatoriedade; devem existir possibilidades de escolhas, opções, aumentando assim as possibilidades de ações e lembrando-nos que não se deve simplesmente inserir o brincar na escola, mas saber como se inserir.

Talvez uma forma interessante de inserir ou potencializar o brincar na escola seja começar pelas brincadeiras que as crianças já estão acostumadas a fazer, como, por exemplo, as brincadeiras de rua, trazendo, assim, o mundo do brincar para dentro dos muros da escola e transpondo os limites que os separam.

Entretanto, podem existir várias imagens sobre a infância que influenciam na forma como os professores ensinam e nos dispositivos usados por eles. O olhar do professor e suas concepções sobre a infância, e também sobre a brincadeira, podem estar impregnados de uma visão que coloca a criança como passiva perante o seu desenvolvimento ou como ativa.

Compreendendo a criança como ativa, devemos considerá-la como sujeito que pode e deve contribuir na análise da dinâmica social (Cunha & Gomes, 2010). Não basta estar atento às crianças e tentar envolvê-las em processos de ensino-aprendizagem com brincadeiras, mas perceber como elas se apropriam de cada atividade e das brincadeiras utilizadas pelos professores dentro da escola.

Utilizando-se os resultados obtidos a partir da iniciação científica “A brincadeira na aprendizagem e no desenvolvimento infantil: Uma análise a partir do olhar do

professor” (Albertin, 2011), que relacionou observações sobre o brincar de crianças em toda a escola (sala de aula, pátio e aula de educação física) com as concepções de duas professoras sobre o mesmo, vê-se a importância de entender as concepções das crianças sobre a brincadeira na escola. A análise também possibilitou identificar que falta, nas práticas escolares, um sentido, não só para os professores, pois eles mesmos dizem que precisam de um objetivo, mas um sentido para o aluno. É ele quem precisa enxergar e sentir qual o sentido daquela atividade para que possa fazê-la com propriedade.

Pressupondo todas as considerações acima, este trabalho buscou valorizar o caráter ativo da criança perante sua aprendizagem e, portanto, seu desenvolvimento, aproximando-se da forma como ela se apropria das brincadeiras a partir das atividades educativas propostas pelos professores e presentes na escola.

Espera-se com este trabalho, incitar a atenção por parte dos professores e de toda a escola para o brincar e a potencialidade que este tem para processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil, favorecendo a valorização e utilização deste como instrumento de ensino, bem como a valorização da fala da criança.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Relacionar as significações de crianças e de professores sobre brincadeiras no contexto escolar

2.2 Objetivos específicos:

- Compreender como o brincar é visto por crianças e educadores na escola;
- Refletir sobre os procedimentos usados pelo professor no ensino utilizando-se de brincadeiras;
- Valorizar a expressão de crianças sobre a brincadeira dentro da escola.

3. METODOLOGIA

3.1 Cenário de pesquisa

Realizou-se este projeto tomando como facilitador o projeto de Extensão Universitária “Educação Inclusiva: integrando atenção interdisciplinar em saúde no atendimento educacional especializado” e a Iniciação Científica: “A brincadeira na aprendizagem e no desenvolvimento infantil: Uma análise a partir do olhar do professor”, ambos realizados em uma escola da Rede Pública Municipal situada na Zona Noroeste da Cidade de Santos.

3.2 População de estudo

Participaram do estudo dez crianças do 4º ano da escola que se disponibilizaram a participar das entrevistas mediante a autorização dos responsáveis.

3.3 Produção de Dados

Para uma maior aproximação da realidade a ser estudada, optou-se por uma pesquisa qualitativa.

Vianna (2001) destaca a pesquisa qualitativa como aquela em que analisa-se a situação a partir de dados descritivos e, geralmente, é usada em pesquisas que envolvem inúmeros aspectos, tais como crenças, opiniões e significados.

A partir dos resultados obtidos, percebeu-se o quão seria rico entender a visão das crianças sobre a brincadeira na escola e, também, como eles percebem as atividades realizadas pelos professores, construindo assim uma visão permeada pela relação entre eles.

3.3.1 Entrevista Grupal

A aproximação em relação aos alunos iniciou-se no período de observação realizado para a iniciação científica, na sala deles no segundo semestre de 2010. Assim, no primeiro contato deste ano, os alunos reconheceram a pesquisadora, o que auxiliou na conversa com eles sobre a pesquisa e a adesão ao projeto.

A partir desse conhecimento prévio, realizou-se uma entrevista com dez crianças por meio da qual se pôde ter uma interação mais sistematizada entre os entrevistados e a entrevistadora, possibilitando abertura de novas questões e esclarecimento das informações obtidas.

A entrevista foi semiestruturada e agendada a partir de negociação com a orientadora educacional para o contato com as crianças e a disponibilidade de espaço na escola. Na entrevista foram apresentados temas pré-estabelecidos (ANEXO 1), abordando as concepções destes sobre o brincar em geral e dentro da escola, como também comentários livres sobre os temas. A utilização da entrevista semiestruturada, utilizando tópicos selecionados a serem abordados com todos os entrevistados, permite ao entrevistador nortear a dinâmica da entrevista e, simultaneamente, favorece relatos flexíveis, dando liberdade aos entrevistados para descreverem situações, ideias e valores. (Tanaka, 2001).

Fez-se a gravação da entrevista e optou-se por fazer a “minutagem” (Roman, 2007) em que, várias vezes, se escuta a entrevista digitalizada e tomam-se notas, em discurso indireto ou indireto livre, sendo reproduzidos termos ou frases que chamassem atenção com a respectiva marcação do tempo na entrevista.

Realizou-se a entrevista em quatro momentos para que ocorresse uma aproximação entre as crianças e a entrevistadora, assim como entre as próprias crianças. No primeiro momento houve apresentação da pesquisadora e sua auxiliar, assim como esclarecimento dos objetivos da pesquisa das atividades a serem realizadas. Em seguida, no segundo momento, solicitou-se que as crianças desenhassem sobre a brincadeira na escola (ANEXO 8) e falassem sobre o desenho. E, no terceiro, conversou-se sobre as brincadeiras na escola e a relação com a professora. Ao término das entrevistas, quarto momento, as crianças brincaram livremente. Optou-se pela entrevista em grupo, pois pode favorecer uma interação em pares (Trautwein, 2010), possibilitando uma ação lúdica em busca do sentido da brincadeira na escola.

3.3.2 Entrevista com a professora¹

A entrevista foi semiestruturada (ANEXO 6) e agendada com a professora no horário em que ela estava disponível. Na entrevista foram apresentados temas pré-estabelecidos, abordando as concepções destes sobre o brincar, se vêem relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil e se o

¹ Realizada na pesquisa de iniciação científica.

brincar auxiliaria no processo de aprendizagem das crianças, como também comentários livres sobre o tema.

3.4 Análise dos Dados

A análise deste projeto foi qualitativa, cruzando os dados obtidos pelas entrevistas (ANEXO 5 e 7) com as análises realizadas a partir da pesquisa de iniciação científica (Albertin, 2011), ambos realizados na escola, estabelecendo assim relações reais e possíveis entre o brincar e o contexto escolar.

Franco (2002) relata que o trabalho analítico inclui primeiramente uma pré-análise, por meio de repetidas leituras, adquirindo um contato intenso com o material e articulando-o com os questionamentos e os objetivos iniciais da pesquisa, para a criação de núcleos direcionadores que orientarão a interpretação final da pesquisa. Em um segundo momento, a partir dos núcleos orientadores estabelecidos, extraem-se unidades de contexto das falas transcritas e unidades de registro presentes em cada uma das unidades de contexto.

Na análise da entrevista buscou-se compreender as concepções das crianças sobre o brincar, as relações que estes estabelecem entre o brincar e os processos de aprendizagem e desenvolvimento e como se apropriam das atividades educativas realizadas pelos professores. Os dados obtidos na entrevista foram confrontados com a análise das observações e entrevistas com professoras realizadas na pesquisa de iniciação científica.

Ao final da análise, será feita uma devolutiva à comunidade escolar no geral dos dados obtidos e relações encontradas na pesquisa. Desta forma, serão introduzidos os

fundamentos teóricos da pesquisa e as potencialidades que o brincar pode assumir na educação escolar e a valorização dada às expressões da criança.

3.5 Procedimentos Éticos

Primeiramente, solicitou-se a autorização para a realização deste projeto na Secretaria da Educação de Santos (SEDUC).

Todas as orientações do Conselho Nacional de Ética na Pesquisa foram seguidas, tendo este projeto sido submetido a análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo.

Solicitou-se a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecimento aos responsáveis das crianças que estiveram dispostas a participar da pesquisa (ANEXO 2), como também à professora que já havia sido entrevistada na iniciação científica, para que sua entrevista pudesse ser utilizada neste trabalho (ANEXO 3). Além disso, a assinatura de termos de assentimento (ANEXO 4) foi solicitada às crianças participantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aproximação à realidade escolar e a análise dos dados obtidos possibilitou compreender a brincadeira na escola a partir da observação da maneira como o lúdico é incorporado por todos na escola, onde está inserido e de que forma ele aparece.

Buscou-se dar valor à percepção que as crianças têm sobre a prática dos professores, salientando que também devem participar de forma ativa em seu processo de aprendizado e que a opinião deles é muito importante, pois pode auxiliar as professoras na construção das atividades ao mostrarem o que gostam de fazer ou as atividades que acham mais interessantes.

Em relação à professora: para compreensão do lugar a partir do qual ela falava buscaram-se informações sobre a escolha da profissão e o caminho da formação para se entender melhor suas concepções. A professora Joana dá aulas há vinte e cinco anos, cursou magistério e agora está concluindo a graduação em pedagogia. Por lecionar há muito tempo possui vasta experiência e pôde contribuir fortemente com a pesquisa.

A partir do contato com a escola, com a entrevista e a vivência, ressalta-se o fato de quanto as ações humanas são permeadas pela cultura em que estão inseridas, pelas histórias individuais dos sujeitos e pelas relações sociais estabelecidas. Portanto, o olhar de cada um depende deste contexto e do significado que cada um atribui a determinado assunto (André, 2008). Desta forma, enfatiza-se o valor de ouvir as crianças e compreender suas concepções, percebendo que ocupam um lugar diferente em relação aos professores, para entender como o brincar é visto na relação.

Portanto, para análise foi necessário estabelecer quais os conceitos, teorias, abstrações, que permeiam a prática do professor (André, 2008), para que se pudesse

entender o lugar dado à brincadeira por ele. Do mesmo modo, foi necessário perceber quais são os dispositivos da própria instituição escolar que estão diretamente relacionados à permissão ou proibição da brincadeira. E, para as crianças, o que seria a brincadeira para elas, assim como as atividades realizadas pelos professores, salientando suas percepções.

Assim, com o campo pôde-se perceber o quanto é complexo estabelecer um significado para o “brincar” que o diferencie do “jogar”, pois ambas são palavras que frequentemente se apresentam indiscerníveis no cotidiano. Esta indiferença no vocabulário também está presente em outras pesquisas, como a de Vieira & Cordazzo (2007), que leva em consideração o fim lúdico do jogo, portanto, tratado como sinônimo de brincadeira.

Entretanto, neste trabalho, não procuramos diferenciar nem considerar semelhantes o “jogo” ou o “brincar”, mas entender a maneira como os professores e alunos lidam com ambos, percebendo que para eles a brincadeira e o jogo possuem a mesma finalidade nas atividades escolares, mesmo que em suas concepções a brincadeira tenha um caráter mais livre do que o jogo. Esta equiparação pode advir do fato de que tudo que se faz na escola precise de um objetivo e que os alunos incorporam em seus discursos a nomenclatura adotada pelos professores, porém o que importa é a ação em si e as significações que os mesmos atribuem a ela.

4.1 O que é a brincadeira

O limiar entre o que é brincadeira e o que não é está presente tanto no discurso da professora quanto dos alunos. Até mesmo entre os alunos esta linha é muito tênue.

Para a professora:

Eu acho que tudo tem a sua hora. Se é uma brincadeira que não incomoda, que não tá incomodando, que não tá atrapalhando quem não quer brincar, eu acho que não tem problema nenhum. Agora se é uma brincadeira, é... que vai atrapalhar, que tá incomodando alguém, então quando a brincadeira às vezes é agressiva, eu prefiro cortar mesmo, porque eu sei que dali não vai dar muita coisa. Então, eu prefiro cortar e deixar mais tranquilo pra eles.

Professora Joana

O fato é que ao entender que a brincadeira é aceita pelo outro e que não o agride moral ou fisicamente, a professora não intervém.

Até mesmo para as crianças é difícil delimitar o que é a brincadeira, como apresentado nos exemplos seguintes:

(Pesquisadora): Quando a brincadeira não pode acontecer?

M. E. falou “Quando tem agressão.” L. falou “Quando tem briga.”. Contaram que uma aluna caiu quando estava brincando e falei que são coisas que acontecem.

Entrevista grupal

Outra situação relatada por um dos alunos foi,

(...) a guerra de papel que fizeram um dia. Todos começaram a rir, assim como ele também. Perguntei se isso era brincar e eles disseram que isso também é brincar. Falaram que quem brincou teve sorte em não se machucar e que é perigoso de machucar (muitas falas ao mesmo tempo). Brincaram na sala disso.

Entrevista grupal

Percebe-se o quanto é difícil estabelecer um limite entre o que é brincadeira e o que não é. Porém, no relato da professora e dos alunos fica claro que este limite aparece a partir do momento em que a relação entre aluno e professor ou entre os próprios alunos é afetada. Seja pela ruptura de algum combinado, seja pela agressão, a percepção

do que é ou não brincadeira é subjetiva e depende da forma como a situação é interpretada e significada pelas partes envolvidas.

Até mesmo na brincadeira em si, existem várias definições e formas de se referir. Huizinga (apud Marcellino, 2009) em seus estudos sobre o jogo analisa concepções sobre o jogo e o brincar e reconhece que o lúdico permeia todas essas ações, se fazendo presente tanto no jogo como no domínio da festa. Assim, fazendo uma relação entre o jogo e a festa, ele elenca alguns elementos comuns como: eliminação da vida cotidiana, predomínio da *alegria* e a combinação de regras com liberdade.

4.2 A multiplicidade do brincar

Para além de se entender os limites da brincadeira, percebe-se a multiplicidade presente dentro do que se é visto como o brincar. Percebeu-se com a escuta das crianças na entrevista, ao se perguntar sobre o que elas entendem como brincadeira e também no momento em que conversamos sobre os desenhos realizados no mesmo dia, o quanto ela é diversificada.

As crianças não falam sobre a brincadeira com um objetivo, mas relatam os momentos que são vistos como brincadeira, dando alguns exemplos, como:

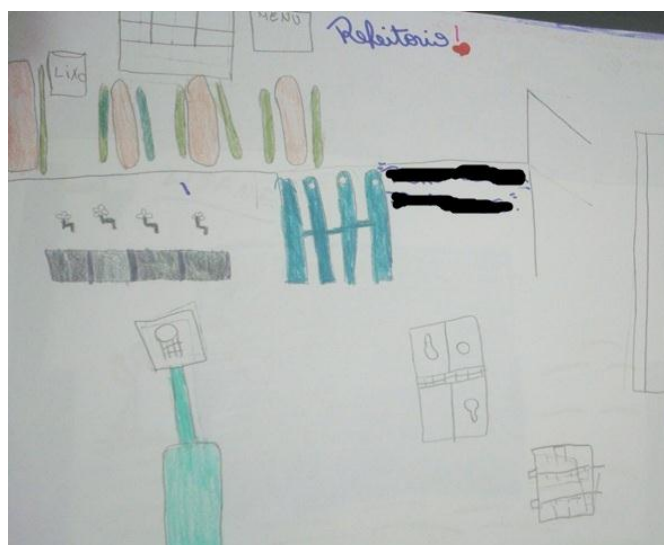
M. E. lembrou que com o livro da Aymarã a professora conseguiu fazer atividades legais, tirou foto, convidou um amigo do Japão para conversar com eles. Todos falaram juntos e disseram que ela fazia várias coisas com eles. Lembraram do tsuru.

A auxiliar da pesquisadora perguntou “Elas – professoras - brincavam com vocês?” e todos confirmaram. I. falou “Brincavam bastante com a gente.”. Relacionando com o brincar, I. falou sobre o dia que eles levaram lanche pra comer na sala, foi o piquenique, do amigo secreto (que eu estava presente).

I. e M. F. falaram sobre a festa surpresa que fizeram para o P.. E, também lembraram da festa que fizeram pro inspetor. (P. falou sobre as festas que ele fez na escola nos outros anos.).

Entrevista grupal

Mesmo com a fala bastante rica em relação a brincadeira na escola, em seus desenhos as crianças representaram a brincadeira fora da sala de aula.





Nota-se que independente da visão que eles tem, de alguma forma mostram o lugar onde a brincadeira está mais presente na escola, inserida em poucos minutos durante o recreio no pátio ou nas aulas de educação física e artes. E, também, não se exclui o fato de que seria mais difícil desenhar as brincadeiras que, às vezes, acontecem em sala de aula, como a “brincadeira do H” ou a “brincadeira do silêncio”².

A “brincadeira do H” consistia no ditado de algumas palavras, pela professora, para que um aluno sorteado soletrasse e dissesse se a palavra tinha “H” ou não. O aluno que acertava ganhava pontos para seu grupo.

A brincadeira dentro da escola, para as crianças, não está relacionada somente a atividades lúdicas, mas também àquelas atividades que saem da rotina, como festa de aniversário, amigo secreto e até mesmo guerra de papel. Parece que situações diferentes do comum, cotidiano, são vistas como brincadeira. A brincadeira se mistura com outras atividades e, portanto, talvez possa estar presente em vários espaços.

Para os professores ainda há uma grande contradição que se delimita, talvez, na visão que se apoia na ideia que se tem sobre o professor ser detentor de todo o

² A descrição desta brincadeira está na p.37.

conhecimento e que está na sala de aula para transmitir este conhecimento para os alunos, referindo-se a visão de educação bancária, onde o professor deposita o conhecimento sobre o aluno, criticada por Paulo Freire (1997). Portanto, apresenta-se no discurso dos professores o valor de que todas as atividades realizadas na sala de aula precisam ter um objetivo claro, o que as distanciam da forma como as crianças concebem atividades lúdicas.

Porém, em relação à presença da brincadeira na prática da professora, ela diz que

“(...) ensinar alguma coisa através de brincadeira, você dispõe nisso um desenvolvimento muito maior na criança, porque ela não tá só desenvolvendo o lado físico de uma brincadeira. É o intelectual, né. Do raciocínio mesmo, de ter que pensar, de ter que respeitar regras. Então o desenvolvimento dela é mais global.”

Professora Joana

Neste contexto, observa-se que podem existir crenças e valores culturais presentes na escola, mas que concepções e significações individuais, mesmo que construídas culturalmente, são incorporadas no trabalho do professor.

4.3 O lugar dado à brincadeira

Sabe-se o quanto a brincadeira tem um lugar restrito dentro da escola, principalmente caráter disciplinador, desta última, adquirido historicamente. Porém, a brincadeira aparece na escola. Então, em que momentos ela acontece? Como ela é vista pelas crianças e pela professora na escola?

Na entrevista com as crianças pôde-se perceber que a concepção de brincadeira para eles é ampla, porém ela ainda está muito presa ao pátio da escola, como representaram em seus desenhos. Entretanto, não deixamos de lado o fato de ser mais difícil desenhar brincadeiras realizadas dentro da sala de aula, como a brincadeira do silêncio, a mimica e o teatro.

Para a professora, as atividades realizadas em sala de aula precisam ter um objetivo, portanto até mesmo a brincadeira precisa ter uma finalidade. Não basta deixar que as crianças brinquem e aprendam o que a brincadeira propiciar a elas, mas que haja um direcionamento, mesmo que mínimo, por parte dos professores.

Então, eu acho que desenvolvimento e brincadeira andam juntos. Só que precisa ser muito bem trabalhado, porque dar brinquedo e brincadeira só por dar também não tem função. Eu acho que tem que ter propósito. Eu acho que tudo que a gente faz na sala de aula tem que ter um propósito. E até mesmo o fato de brincar.

Professora Joana

Mesmo com a visão ampliada da brincadeira e sabendo o valor que ela tem perante o aprendizado e desenvolvimento e que, por isso, pode ser utilizada como facilitadora do aprendizado, em algumas situações a professora mostra que ainda há lugar específico para a brincadeira, ou seja, ela só pode ser inserida na atividade de ensino desde que tenha um objetivo claro e condizente com esta.

Nota-se, portanto, que a brincadeira não está livremente inserida na escola, ocupando um lugar demarcado e controlado. Esta forma de lidar com a brincadeira pode ser fruto de diversos paradigmas teóricos cujas concepções de infância e consequentes compreensões dos usos da brincadeira influenciam as práticas de educação (Wajskop, 1996).

Muitas vezes a brincadeira continua presa ao “combinado” escolar, colocando-a novamente em um lugar específico e segregado de outros momentos destinados à aprendizagem ou até mesmo ao lazer. Entretanto, atividades como amigo secreto e piquenique também são vistas como brincadeiras pelas crianças que significam estas atividades como diversão, saindo da objetividade presente no discurso da professora.

Além de todas as restrições presentes na escola, as crianças percebem o quanto a escola é um lugar que propicia o brincar.

M. F. lembrou que na escola há várias pessoas pra brincar e cada um tem que aprender a dividir, mostrando que o agrupamento na escola favorece a brincadeira.”

Entrevista grupal

Por que a brincadeira não é mais valorizada na escola, para além da educação infantil, sendo incorporada nas atividades realizadas pelos professores? Pois, tanto as crianças quanto a professora percebem o quanto ela é importante, prazerosa e pode auxiliar em diversos momentos, não só no aprendizado, mas também na relação professor/aluno.

4.4 As significações do brincar

Há valores e concepções que recebem forte influência da cultura e da história de cada um, o que caracteriza a significação do brincar tanto para os alunos quanto para a professora.

4.4.1 Significações da professora

A concepção do brincar, presente no relato da professora, mostra uma visão ampliada desta atividade, que engloba o brincar em diversos âmbitos:

No geral. Ah, eu acho que é tudo! (...) É tanto na vida da gente, é numa aula, num... com teus filhos, com tua família (...) Em qualquer lugar.

Professora Joana

O brincar é visto tanto fora quanto dentro da escola, mostrando que a professora entende a importância do brincar na infância e até para ela mesma. E ainda ressalta a ideia de que é por meio do adulto que a criança aprende, ou seja, imitando o adulto que ela se apropria de objetivos, situações, como explica Vygotsky (1998) ao falar sobre o jogo de papéis.

4.4.2 Significações das crianças

Para as crianças, o brincar também possui uma concepção ampla e que se faz presente no dia-a-dia delas, portanto presente nos ambientes em que elas frequentam. Porém, elas sabem que há lugares em que a brincadeira não é bem vista, como a igreja.

Rapidamente, I. respondeu “É se divertir.” sendo acompanhada por outras crianças. E eu perguntei o lugar que ela brinca e ela se referiu à escola, na rua, com meus amigos. Outras crianças sopravam que também brincavam em casa.

Entrevista grupal

Nesta fala, percebe-se o quanto as crianças buscam atividades livres, diferentemente da rigidez escolar, em que não se pode brincar em determinados lugares e, há pouco tempo para a brincadeira na hora do recreio.

Considerando que pouco se dá espaço para a brincadeira, a palavra “divertir” presente no discurso em coro das crianças não deve passar despercebida.

Segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1995):

Divertir – Do latim *divertere*, apartar-se, ser diferente, divorciar-se. 1. Distrair-se, entreter, recrear. 2. Desviar, fazer mudar de fim, de objeto, de aplicação. 3. Fazer mudar de pensamento; dissuadir; desviar; fazer esquecer. Interromper, desviar, distrair, para acentuar que o ato deve ser executado sem interrupção, sem solução de continuidade.

Será que as crianças não querem mostrar que as práticas, os valores e crenças presentes na escola, estão sem sentido? Assim, procuram quebrar com a rotina maçante, não só deles, mas também dos professores, fazendo com que, talvez, seja a brincadeira o dispositivo capaz de desviar e interromper a rigidez entre os muros da escola.

4.5 Os papéis da brincadeira

Na escola existem várias significações sobre a brincadeira relacionadas ao lugar ocupado pelo sujeito e, portanto, são diferentes para os professores e para alunos, mas em conjunto compõem o brincar na escola.

Buscou-se a partir das entrevistas com a professora e com os alunos, identificar alguns momentos em que a brincadeira aparece por iniciativa dos alunos ou nas atividades realizadas pela professora, levando em consideração a percepção que os alunos têm das mesmas.

4.5.1 Como fuga

Na entrevista com a professora, perguntou-se o momento em que ela utiliza-se da brincadeira.

eu gosto de usar na hora assim que eu vejo que eles estão muito cansados. Que eles estão estressados. Eu gosto de fazer umas pausas e pedir pra brincar de morto vivo. É... às vezes a gente fica brincando de... Ah, eu falo uma palavra e eles tem que cantar uma música, né. É só... É pra relaxar! Não é nem tanto pra brincar. Às vezes eu nem falo a palavra vamos brincar!

E pras crianças da escola, eu acho que é mais esse papel também. Deles sentirem que tem essa hora que eles podem relaxar. Eu acho que a brincadeira pra eles não funciona como só diversão. Eu acho que dentro da escola é um... uma hora deles se desligarem um pouco dessa rotina pesada, na escola.

a gente fez oficina de brincadeiras antigas. Então a gente confeccionou... aquelas latas, que eles tinham que andar nas latas. O bilboquê. O vai e vem com a garrafa pet. Então algumas vezes a gente foi lá fora.

Professora Joana

Nota-se que a brincadeira acaba sendo utilizado como uma fuga da rotina, do estressante, talvez até do burocrático. E, portanto, é mais valorizado como um dispositivo de “fuga” da rigidez escolar, o que se relaciona com a definição de brincar que as crianças deram ao significá-lo como diversão, em sua acepção de desvio ou mudança de rumo. E, não só é utilizado como fuga da rotina para os alunos como para a rotina estressante da própria professora. De alguma forma, a brincadeira mostra o quanto há uma rigidez escolar e que ambos, professor e aluno, tentam burlar essa rigidez com atividades lúdicas que quebrem esta visão maçante do dia-a-dia da escola.

4.5.2 Como recompensa ou castigo

Em muitos momentos, na escola, a brincadeira é utilizada como recompensa, medida para que os alunos obedeçam, ou façam a lição, ou fiquem em silêncio.

Perguntei a eles sobre a brincadeira com a bexiga, quando a professora fazia com eles e M. E. responde “Quando a gente ficava quietinho.”

Entrevista grupal

Ou então, a brincadeira é utilizada como dispositivo de punição quando os alunos não obedecem, não cumprem o combinado, generalizando para todos os alunos, e de certa forma fazendo com que aqueles que não ficam quietos sejam vistos com maus olhos pelos outros.

M. F. falou que a professora quer brincar com eles, mas como tem alunos que bagunçam ela se irrita com eles e passa mais lição, descontando em todo mundo. Se alguém bagunça, ao invés de descontar só em um, ela desconta na sala toda. Se bagunça, não brinca.

Entrevista grupal

4.5.3 Como facilitadora do aprendizado

Segundo Vygotsky, o brincar potencializa o aprendizado da criança e assim ela se desenvolve. Esta é uma relação em que a escola deveria apostar, usando a brincadeira, que culturalmente faz parte do dia-a-dia da criança, a fim de que ela se aproprie e se aproxime das atividades escolares.

M. F. falou sobre a brincadeira “se tinha H ou se não tinha”. A professora chamava uma pessoa e falava “Hotel, tem H ou não tem?” Se tivesse “h” ganhava ponto. M. E. falou “Na lição ela fazia como se fizesse uma brincadeira, aí a gente entendia assim. Não uma brincadeira de mau gosto. Uma brincadeira legal... Não fica assim chata!”. I. complementou dizendo “Não fica assim sem fazer nada” e lembrou que a professora deixava brincar. Ela era mais legal.

Entrevista grupal

Assim como no relato dos alunos, a professora também faz a relação entre brincadeira e aprendizagem.

Você brincando você aprende, em todos os momentos. É tanto na vida da gente, é numa aula, (...) Eu acho que se você puder fazer da brincadeira uma rotina o aprendizado fica muito mais fácil. (...) a aprendizagem se torna mais clara, mais sentida.

Leva a isso, eu acho, a sentir. Quando a... você dá só conceito o conteúdo é muito mais fácil de ser esquecido. Quando você ensina brincando, aquilo fica guardado.

Professora Joana

A própria professora mostra o quanto o aprendizado, assim como sua prática, estão relacionados à vivência, não só dela quanto dos alunos e, deles com as atividades propostas por ela. Precisa-se, portanto, de um sentido nas atividades realizadas na escola.

4.5.4 Como organização

Um exemplo de brincadeira tendo como finalidade principal a organização é a brincadeira do silêncio, pois mesmo sendo usado como disciplinadora, as crianças a veem como prazerosa. Portanto, não basta somente incorporar uma brincadeira, mas perceber como ela é vista na relação entre o professor e o aluno.

No contato com as crianças, muitas vezes elas falaram da brincadeira do silêncio, que foi também observada em sala de aula. Assim, durante a entrevista com os alunos,

Lembrei que eles já brincavam da brincadeira do silêncio no ano passado. Perguntei se sempre brincaram disso na escola ou foi a professora Joana quem começou a brincar. L. disse que foram eles quem inventaram e M. E. falou que foi a professora quem ensinou.

Novamente perguntei se a professora Joana brincava com eles e eles concordaram. M. F. falou que até ela brincou da brincadeira do silêncio um dia. E os outros riram.

Entrevista grupal

A brincadeira do silêncio, na maioria das vezes, acontecia no final da aula, no espaço de tempo em que os alunos esperavam o sinal bater e a professora guardava o seu material. Muitas vezes, foram os alunos que pediram a ela para brincarem. Todos os alunos ficaram sentados, quietos, o máximo possível. Muitos até apoiavam a cabeça sobre as mãos em cima da mesa. A professora era quem escolhia o aluno que começava a brincadeira. O escolhido olhava para toda a sala e escolhia aquele que estivesse mais quieto, tocava a sua carteira e, então, eles trocavam de lugar. O que estava de pé se sentava no lugar do escolhido e este agora teria que escolher outro aluno para novamente trocar de lugar.

Este é um momento de brincadeira interessante e paradoxal, pois percebe-se claramente o caráter organizador da brincadeira, mas que serve como uma distração para os alunos, que não querem ficar sem fazer nada e, auxilia a professora no momento em que ela precisa se organizar para saída.

4.5.5 Como conduta

A brincadeira também aparece como forma de conduta, de modo de estar na sala de aula, como “ar de brincadeira”. É como que se a brincadeira não fosse o ato de brincar em si, mas o “ar descontraído” da brincadeira tomasse conta da sala, descaracterizando a imposição que pode acontecer numa sala de aula.

Ele vai lembrar da brincadeira e vai lembrar porque que eles brincaram. Então, é, eu acho que a memória fica melhor, fica guardado mesmo. (...) quando você fala brincando, quando você ensina brincando, quando eles aprendem brincando.

Eu acho que eu, como professora, até poderia usar mais brincadeira.

Professora Joana

Nesta fala, a professora destaca a importância do brincar como facilitador do aprendizado, salientando as suas concepções para além dos valores

incorporados na cultura escolar e utilizando-o como meio de interação na relação com os alunos.

Em um estudo (Silva, 2005) buscando entender as concepções sobre o brincar de professoras na educação infantil, percebeu-se nas entrevistas que a concepção do brincar como

espaço de criação, de liberdade, fantasia e imaginação, transita a ideia do **“brincar como estratégia pedagógica”**.

Transmite-se com o brincar, portador de significados e práticas sociais, conteúdos relacionados, em sua maioria, mas que precisam de um planejamento previamente determinado. Nota-se, portanto, neste estudo que já na pré-escola não há lugar para o brincar livre, salvo durante o recreio. Como ele sempre está atrelado à escolarização, parte-se para a ideia de utilizá-lo como uma metodologia diferenciada nos processos de aprendizagem.

4.6 A brincadeira na relação professor-aluno

A forma como a professora se coloca em sala de aula e a relação que ela estabelece com os alunos e estes com ela mostraram-se ser influentes na forma como as situações acontecem em sala. Esses elementos influenciam quais são as atividades educativas desenvolvidas e, também, como os alunos se comportam em sala de aula. Influenciam, enfim, quando a brincadeira acontece e porque acontece, ao serem elencadas algumas funções que a brincadeira exerce.

Na entrevista com a professora, ficou clara a forma como ela se relaciona com os alunos e como eles se relacionam com ela, demonstrando uma relação aberta, de troca entre professora e alunos.

Às vezes eu sou muito tradicional, porque eu sinto. Eu acho que tem dias que eu preciso ser assim.

Porque é um retorno (...). Eu aprendi que não é assim, né. Eles sabem muito mais do que a gente (...). A gente sabe fazer, a gente sabe explicar. Eles sabem ensinar pra gente como aplicar isso no dia a dia.

Porque tem dias que eles não vão querer brincar, eles vão querer lição. Teve muitos dias que eu falava “Olha gente, vamos fazer um desenho, vamos relaxar um pouquinho!”, “Não tia, a gente quer lição!”. Então não adiantava eu querer propor passar pra eles um relaxamento porque eles não queriam. Eles queriam lição. Eles queriam escrever no caderno, queriam fazer as tarefas deles. Então, eu acho que tem ser a resposta mesmo. Aquele... é o estímulo e a resposta. Você tem que saber quando estimular. Eles vão te dar a resposta. Você vai ter a resposta, você vai estimular novamente e você vai ter esse retorno.

Professora Joana

Os relatos acima ressaltam como o ensino e a relação entre o professor e o aluno influenciam as atividades em sala de aula. E como o ensino depende do aluno e do professor, devendo estar este aberto a perceber o que os alunos pedem. Desta forma, constroem juntos as atividades e se apropriam do processo de aprendizado.

Aproveitei e perguntei o que eles achavam da professora brincar com eles. Responderam “É muito legal!”. Acrescentaram que é legal e ótimo. M. E. falou que isso gera união.

M. F. disse que a professora dizia a palavra, eles tinham que soletrar e se acertassem ganhavam pontos. Os alunos ficaram empolgados pra falar, mas respeitaram a fala do outro.

Entrevista grupal

A fala desta aluna mostra o quanto a brincadeira proporcionada pela professora empolga as crianças e a aproxima deles.

Outro ponto é o quanto a brincadeira proporcionada pela professora não pode ser realizada dentro da sala de aula, cabendo à professora decidir se sai com os alunos ou se não faz a brincadeira. Um exemplo deste momento está presente no relato dos alunos:

Continuaram falando sobre as brincadeiras que a professora fazia com eles. I. falou sobre brincar de pega-pega, esconde-esconde. N. também falou “Quando nós ficava quieto, ela deixava vir pra cá. A gente brincar de bola, pulando corda.”. I. falou que ela deixava eles correrem a vontade. M .F. falou do dia em que ela pediu para diretora para eles ficarem na quadra; a professora dividiu a quadra em metade para os meninos e metade para as meninas e se dividia entre eles, pulando corda com as meninas e jogando futebol com os meninos.

Entrevista grupal

A partir destes relatos, percebe-se o quanto a brincadeira também serve como um alívio para a própria professora, dentro desta rigidez escolar.

4.6.1 O papel da professora

A maneira como a professora se coloca em sala de aula diz muito de como ela pensa a educação e de como ela vê o aprendizado dos alunos.

Eu preparo as minhas aulas, eu sei o que eu tenho que falar, eu sei o que eu tenho que dar. Mas eu acho que a forma que eu vou agir vai depender do dia. Depender da reação deles, depender do humor deles.

(...) o meu modo de dar aula depende muito mais deles do que de mim. Eu posso chegar aqui com mil coisas diferente, mas se eles não tiverem a fim, não tiverem com vontade vai ser uma aula do mesmo jeito que as outras. Acho que é mais do jeito deles do que de mim.

Tem dias que você é só mãe. Você não é professora. Você é só mãe. Tem dias que você vai ser professora. Tem dias que você vai ser tia. Você vai ser boazinha. Tem dias que você vai ser professora brava e vai ter que falar mais alto, vai ter que se impor. Porque é a resposta deles. Então o professor tem que tá muito flexível a isso, porque você não trabalha sozinho.

Professora Joana

As crianças percebem e relatam a forma como a professora se relacionava com eles, tendo uma relação mais próxima, ou seja, criando formas de ensinar mais humanizadas.

M. F. lembrou com muita empolgação uma brincadeira que a professora Joana fez com eles. Falaram com entusiasmo e sorridentes, parecem que sentem saudades do modo como ela dava aula. Dividiu a sala em uma fila das meninas e outra dos meninos. Ela deu duas bolas de bexiga e passava por debaixo das carteiras e quem passasse primeiro ganhava. E não podia deixar a bexiga estourar. Esta brincadeira era feita dentro da sala. Também lembraram da brincadeira do silêncio. I. explica que tem que ficar em silêncio e bater na mesa para mudar de lugar.

Entrevista grupal

Estar aberto a mudanças, a perceber o que os alunos pedem, dá ao professor a propriedade sobre as suas aulas. Tira o professor do lugar de supremo e coloca o aprendizado como construção entre o professor e o aluno. Segundo Paulo Freire (1997), a educação rígida, que constitui o falso saber, nega à educação o companheirismo entre professor e aluno e sua construção a partir dos processos de busca.

Portanto, o professor deve

Estar aberto à mudança, à retomada. A falar, “Não. Esse caminho que eu tô tomando ele não tá dando certo. Eu tenho que voltar e fazer de novo! Fazer de um jeito diferente!”.

Professora Joana

Segundo Azevedo (2003), é importante que o professor perceba o seu papel de mediador no processo de aprendizagem, situando o aluno, pois sua atuação induz a motivação dos alunos, o prazer, situando-os nas atividades para que estas tenham significados para eles.

4.7 A vivência como pesquisadora

Na entrevista com os alunos vivenciei um pouco a dificuldade que é propor novas atividades para os alunos e o quanto é necessário um bom planejamento das mesmas, assim como despertar a motivação e o interesse dos alunos em participarem.

Ao fim da entrevista, brinquei com os alunos e, na maior parte do tempo, eles não se focaram em uma atividade. Então pensei que, talvez por terem pouco espaço para brincadeiras, quando este espaço é criado eles não sabem muito o que fazer, querem brincar de várias coisas ao mesmo tempo, muitas vezes perdendo rapidamente o interesse em uma atividade para dedicar a outra.

Com a entrevista e as brincadeiras que propus a eles, percebi o quanto é difícil manter os alunos focados, mesmo que num grupo pequeno e, assim, senti o quanto o professor deve ser valorizado e acima de tudo ter um espaço para organizar suas atividades e prepará-las.

No ano passado, período em que fiz a observação da iniciação científica, as brincadeiras durante o recreio eram sempre as mesmas: a maioria deles brincava de pega-pega ou jogavam bola. Este ano, com a nova direção, ocorreram algumas mudanças no pátio, estando disponível uma mesa de pebolim, cesta de basquete, disco voador e vários outros objetos para as crianças brincarem. Durante a entrevista, as crianças valorizaram estas mudanças, como relata uma aluna:

M. E. falou que a escola não é só pra comer e fazer lição, é pra brincar também. E disse que tá melhorando, porque agora tem cesta de basquete, pingue-pongue, pebolim, disco voador e vários outros objetos para brincar. I. lembrou das seis marias, e os outros concordaram e lembraram da dama.

Entrevista grupal

É evidente o quanto as crianças percebem as mudanças à sua volta e o quanto ressignificam os sentidos que a escola tem para eles e, dentro desse contexto, as

brincadeiras. E não só os alunos como os professores baseiam suas atitudes nas percepções e expectativas que tem sobre os alunos. (Martinelli & Schiavoni, 2009).

A partir desta pesquisa pode-se perceber o quanto é difícil descobrir uma função precisa para a brincadeira. Brougère (2010) relata que

a brincadeira escapa a qualquer função precisa e é, sem dúvida, esse fato que a definiu, tradicionalmente, em torno das ideias de gratuidade e futilidade. E, na verdade, o que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando do seu uso habitual os objetos que cercam as crianças, além do mais é uma atividade livre que não pode ser delimitada. (p.14)

Portanto, não se buscou compreender a função da brincadeira, mas as significações presentes na escola, mostrando o quanto a inserção dela pode favorecer o aprendizado, o trabalho do professor e a relação entre todos na escola, deixando, assim, de lado a visão de que a escola ainda tem que ser um lugar disciplinador e rígido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas e das observações, ressaltamos que existem muitas maneiras de ver e entender o brincar e que as características atribuídas a ele dependem da maneira de pensar e manifestar as significações, a partir do que é valorizado por cada pessoa, considerando sua inserção em determinada cultura.

As significações do brincar aparecem de formas distintas nas entrevistas realizadas. Percebe-se que elas se constituem pela maneira como o aluno, ou professor, se coloca perante a escola, dentro da sala de aula e, principalmente, na relação professor/aluno.

Assim como já visto no trabalho de iniciação científica (Albertin, 2011), permanece a percepção de que a definição sobre o brincar é muito ampla, envolvendo jogos (de alfabetização, por exemplo) e até mesmo um modo de agir perante as situações, incluindo as atividades que fogem da rotina. Dessa forma, momentos de descontração, ou de relaxamento, são explicitados pela professora ao se referir sobre a brincadeira, assim como as festas e amigos secretos são dados como referência na fala dos alunos.

Portanto, tanto na significação dos alunos quanto dos professores, está presente a rigidez escolar e as maneiras encontradas por eles para sair desta lógica maçante, algumas vezes sem sentido e, portanto sem prazer. Na relação entre os alunos e o professor, constroem-se estratégias para aliviar os dois lados e criar, mesmo que camuflados, meios para dar sentido à utilização da brincadeira, estando ela presente até nos momentos de organização, como a brincadeira do silêncio.

Contudo, a brincadeira ainda está predominantemente fora da sala de aula. Nota-se que ela pode ter muitas significações e que a construção de um espaço para ela depende do que se constrói na relação entre o professor e o aluno ou entre alunos, pois são nessas relações que o aprendizado acontece.

Pode-se perceber que não só as crianças, como a própria professora, procuram uma “brecha” dentro da rigidez escolar para fazerem aquilo que as satisfaçam, criando saídas criativas para tanta burocracia presente na escola.

Falta, nas práticas escolares, um sentido, não só para os professores, pois eles mesmos dizem que precisam de um objetivo, mas também um sentido para o aluno. É preciso enxergar e saber qual o sentido daquela atividade para que possam fazê-la com propriedade.

Na aproximação com a escola, o grande desafio é fazer com que tanto os professores quanto os alunos se escutem e percebam que podem juntos criar atividades prazerosas que auxiliam em um aprendizado ativo e criativo. São eles os principais personagens da educação.

É preciso valorizar as significações e as falas tanto das crianças como dos professores e entender que não só a brincadeira, como qualquer atividade realizada na escola, precisa ser construída em conjunto, com todos os sujeitos da escola envolvidos. Assim, todos terão conhecimento e/ou propriedade sobre as atividades realizadas na escola.

6. REFERÊNCIAS

- ALBERTIN, P. C. *A brincadeira na aprendizagem e no desenvolvimento infantil: Uma análise a partir do olhar do professor*. Relatório final de Iniciação Científica. Santos, UNIFESP, 2011.
- AZEVEDO, C. *As emoções no processo de alfabetização e a atuação docente*. São Paulo: Vetor, 2003.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Diário Oficial da União, Lei nº 8.069, de 13.07.1990, Brasília, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Diretrizes e Bases para a Educação Nacional*. Diário Oficial da União. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Resolução n. 2, de 7 abril de 1998. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Diário Oficial da União. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Resolução CEB01, de 04 de abril de 1999. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Diário Oficial da União. Brasília, 1999.
- BROUGÈRE, G. *Jogo e Educação*. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e Cultura*. Trad. Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2010.
- CUNHA, B.B.B. & GOMES, R. F. F. Cultura Infantil e Psicologia: contribuições da abordagem etnográfica para a pesquisa com crianças. In: Souza, M. P. R. de (Org.) *Ouvindo Crianças na Escola – abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- DALLABONA, S. R. & MENDES, S.M.S. *O lúdico na educação infantil: Jogar, brincar, uma forma de educar*. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, v.1 n.4, 2004. p. 107 – 112.
- DANTAS, H. Brincar e trabalhar. In: Kishimoto, T. M. (Org) *O Brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- FRANCO, M. L. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Ed. Plano, 2002.
- Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Nova Cultural, 1995. v. 08.
- KISHIMOTO, T. M. Bruner e a Brincadeira. In: Kishimoto, T. M. (Org) *O Brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- LAROUSSE, K. *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse, 1982.

- MARCELLINO, N.C. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papirus Editora, 2009.
- MARTINELLI, S. C. & SCHIAVONI, A. Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e *status* sociométrico. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 26 n.03, p. 327 – 336, julho- setembro, 2009.
- QUEIROZ, N.L.N. et al. Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: Um olhar Sociocultural Construtivista. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*. Ribeirão Preto, v.16 n. 34, p. 169-179, 2006.
- REGO, T. C. *Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da Educação*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1994.
- ROMAN, M. D. *Psicologia e adolescência encarcerada: a dimensão educativa de uma atuação em meio à barbárie*. São Paulo, 2007. 285 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- SILVA, C. C. B. da *O lugar do Brinquedo e dos Jogos nas Escolas Especiais de Educação Infantil*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo.
- SILVA, L.S.P. et al. O brincar como portador de significados e práticas sociais. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17 - n. 2, p. 77-87, Jul./Dez, 2005.
- TANAKA, O. Y.; Melo, C. *Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente- um modo de fazer*. São Paulo: Edusp, 2001.
- TRAUTWEIN, C. T. G. A Dor e a Delícia de Entrevistar Crianças na Construção de um Procedimento Metodológico Infantil. In: Souza, M. P. R. de (Org.) *Ouvindo Crianças na Escola – abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- VIANNA, I. O. *A metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica*. São Paulo: E.P.U., 2001.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: LURIA, LEONTIEV, VYGOTSKY et al. *Psicologia e Pedagogia – Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento*. São Paulo: Centauro, 2005.
- WAJSKOP, G. *Concepções de brincar entre profissionais de educação infantil: implicações para a prática institucional*. São Paulo. 1996. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

ANEXO 1

Roteiro para a Entrevista Grupal

Concepções sobre o brincar

O que é o brincar?

A brincadeira na escola

Como é a brincadeira na escola?

A professora deixa que eles brinquem?

A professora brinca com eles? (Caso não comentem.) Quando? Como?

Relembrar situações do ano passado (bingo realizado em sala de aula) para entender como eles perceberam a situação.

Entender melhor a brincadeira do silêncio, na visão dos alunos.

O que acham da forma como a professora é na sala de aula.

Gostam quando a professora brinca?

Quando a brincadeira é proibida? Quais? Por quê?

Sugestão dos alunos

Que brincadeira gostariam de ter/fazer na escola? Como seria possível?

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS RESPONSÁVEIS

A presente pesquisa, “A brincadeira na escola: relações entre significações de crianças e professores” tem como objetivo analisar as concepções dos alunos da Escola Municipal “Padre Leonardo Nunes” sobre o brincar.

Para seu desenvolvimento, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas, que serão gravadas para análise posterior dos dados. Dentre os procedimentos previstos, não há previsão de qualquer desconforto ou risco para os participantes da investigação.

Em qualquer momento do estudo, o entrevistado ou seu responsável podem ter acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas ou mesmo para retirar o consentimento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. O principal investigador é o professor doutor Marcelo Domingues Roman, que orientará a graduanda Paola Carmelo Albertin, discente do curso de Psicologia Ambos podem ser encontrados na Avenida Dona Ana Costa, 95 – Vila Mathias; telefone: (13) 3232-2569.

Se houver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj

14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@epm.br.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros entrevistados, não sendo divulgada a identificação de nenhum deles. O entrevistado ou seu responsável também terão direito de serem mantidos informados sobre os resultados parciais e finais da pesquisa.

Não há despesas pessoais para o entrevistado em qualquer fase do estudo, como também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. O pesquisador compromete-se a utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Eu, _____,

RG _____ CPF _____ abaixo assinado, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “A brincadeira na escola: relações entre significações de crianças e professores”.

E,

autorizo

sobre minha responsabilidade a participar da pesquisa.

Eu discuti com Paola Carmelo Albertin e Marcelo Domingues Roman sobre a minha decisão em autorizar _____ a participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas.

Concordo voluntariamente que a criança sob minha responsabilidade participe deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Responsável pela criança

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo.

_____ Data ____/____/____

Prof. Dr. Marcelo Domingues Roman

Assinatura do responsável pelo projeto

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES

A presente pesquisa, “A brincadeira na escola: relações entre significações de crianças e professores” tem como objetivo analisar as concepções dos professores da Escola Municipal “Padre Leonardo Nunes” sobre o brincar com as concepções dos alunos.

Para seu desenvolvimento, serão utilizadas as entrevistas semiestruturadas, que gravadas para análise posterior dos dados. Dentre os procedimentos previstos, não há previsão de qualquer desconforto ou risco para os participantes da investigação.

Em qualquer momento do estudo, o avaliado pode ter acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas ou mesmo para retirar o consentimento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. O principal investigador é o professor doutor Marcelo Domingues Roman, que orientará a graduanda Paola Carmelo Albertin, discente do curso de Psicologia Ambos podem ser encontrados na Avenida Dona Ana Costa, 95 – Vila Mathias; telefone: (13) 3232-2569.

Se houver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj

14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@epm.br.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros entrevistados, não sendo divulgada a identificação de nenhum deles. O entrevistado também terá direito de ser mantido informado sobre os resultados parciais e finais da pesquisa.

Não há despesas pessoais para o entrevistado em qualquer fase do estudo, como também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. O pesquisador compromete-se a utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Eu, _____,

RG _____ CPF _____ abaixo assinado, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “A brincadeira na escola: relações entre significações de crianças e professores”.

Eu discuti com Paola Carmelo Albertin e Marcelo Domingues Roman sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do Professor

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo.

_____ Data ____/____/____

Prof. Dr. Marcelo Domingues Roman

Responsável pelo projeto

ANEXO 4

Assentimento informado para as crianças que participarão da pesquisa:

A brincadeira na escola: relações entre significações de crianças e professores.

Nome: _____

Meu nome é **Paola Carmelo Albertin** e o meu trabalho é pesquisar sobre a brincadeira na escola. Eu vou informar você e convidá-lo a participar desta pesquisa. Você pode escolher se quer participar ou não.

Eu e o orientador da pesquisa, Marcelo Domingues Roman, queremos saber como a brincadeira é realizada na escola e como ela pode se relacionar com a inclusão escolar.

Com esta pesquisa queremos saber a opinião de vocês sobre a brincadeira na escola. Para essa pesquisa serão realizadas atividades e entrevistas com vocês em três dias.

Discutimos esta pesquisa com seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo seu acordo. Se você vai participar na pesquisa, seus pais ou responsáveis também terão que concordar.

Você pode discutir qualquer coisa deste formulário com seus pais, amigos ou qualquer um com quem você se sentir a vontade de conversar. Você pode decidir se quer participar ou não depois de ter conversado sobre a pesquisa e não é preciso decidir imediatamente. Pode haver algumas palavras que não entenda ou coisas que você quer que eu explique mais detalhadamente porque você ficou mais interessado ou preocupado. Você pode me pedir que eu explique a qualquer momento mais informações sobre o processo.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. É você quem decide. Se decidir não participar da pesquisa, é seu direito e nada mudará. Ninguém estará furioso ou desapontado com você se você disser não, a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer "sim" agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem.

Durante as entrevistas vocês não sofrerão nenhum tipo de risco. Não falaremos para outras pessoas que você está nesta pesquisa e também não compartilharemos

informação sobre você para qualquer um que não trabalha na pesquisa. Depois que a pesquisa acabar os resultados serão informados para você e para seus pais.

As informações sobre você serão coletadas na pesquisa e ninguém, exceto os investigadores poderão ter acesso a elas. Qualquer informação sobre você terá um nome fictício ao invés de seu nome. Só os investigadores saberão qual é o seu nome e manteremos em sigilo. Ele só será compartilhado com quem tenha permissão de acesso às informações da pesquisa.

Eu escrevi um número de telefone e endereço, no termo de consentimento do responsável, onde você pode nos localizar ou, se você estiver por perto, você poderá vir e nos ver. Se você quiser falar com outra pessoa tal como o seu professor ou doutor ou tia, não tem problema.

Certificado do Assentimento

Eu entendi que a pesquisa é sobre a brincadeira e sua relação com a inclusão escolar. Entendi também que serão utilizados dados das observações.

Assinatura da criança:_____

Ass. Pesquisador:_____

Dia/mês/ano:_____

ANEXO 5

Relato da Entrevista Grupal – 4º ano

Data: 02/09/2011

Horário: 11h às 16h

11h – Cheguei à escola e preparei a sala de música, deixando algumas cadeiras em círculo e aproximando as duas mesas num canto da sala, para o momento em que as crianças fossem desenhar.

Deixei tudo organizado e fui até a sala de aula para pegar as últimas autorizações e orientar que todos que fossem ficar comigo almoçassem na escola.

Ao final da aula, ficamos na sala de aula até o pátio esvaziar um pouco e fomos para a sala de música.

12h – Estavam autorizados a participar do grupo (10 crianças – 5 meninas e 5 meninos)

Expliquei a todos sobre os termos de assentimento e pedi que assinassem.

Brincamos de tibitar. (15 min). A brincadeira se resume em tirarmos uma pessoa para fora da sala e escolher um verbo que será substituído por “tibitar” todas as vezes que formos referir ao verbo escolhido. A pessoa que está lá fora volta para dentro e faz perguntas para pessoas aleatoriamente tentando descobrir qual o verbo escolhido pelo grupo.

1º Momento

12h30 – Comecei me apresentando novamente e também apresentei a graduanda de psicologia auxiliar da pesquisa. Falei que somos estudantes de psicologia e perguntei se sabiam o que era a psicologia. Como esperado falaram que eram quem cuida de louco e eu falei que não só, mas que eu estava ali exatamente para ajuda-los na questão do aprendizado e na relação entre eles e as professoras. Também, lembrei o período que fiz observação na sala deles, referindo-me a professora Joana e eles confirmaram.

Introduzi um pouco sobre o objetivo da entrevista e que gostaria de ouvir deles sobre o que eles pensavam sobre a brincadeira e também gostaria que cada um respeitasse quando o outro estivesse falando. Ressaltei que gravaria a conversa e que tudo que eles dissessem eu não falaria para mais ninguém. E, disse que depois que já tivesse os resultados eu voltaria para conversar com eles e com toda a sala. Perguntei se tinham dúvidas e eles disseram que não.

Áudio 1:

A primeira pergunta foi sobre “*O que é o brincar, pra vocês?*”.

Rapidamente, I. respondeu “É se divertir.” E eu perguntei o lugar que ela brinca e ela se referiu à escola, na rua, com meus amigos. Outras crianças sopravam que

também brincavam em casa. G. concordou com a I.. Ficaram um pouco constrangidos em responder. Então, perguntei se eles gostavam de brincar.

M. F. concordou também com I. e falou que todo mundo brinca. Assim perguntei como é brincar, se é só com brinquedos e ela falou que é com várias coisas, sozinha, com boneca, com os amigos...

M. E. falou que é se divertir, sair, passear, brincar com os amigos, brincar na escola.

P., disse que brinca com os irmãos, com os amigos, de bola, passeia.

N. disse que joga na rua, brinca no campo, jogar bola, basquete.

Alguns não quiseram falar.

Falei para eles que então “Brincar é uma coisa legal?!” e todos confirmaram. Também disseram que para brincar é preciso dos amigos. M. E. disse que é só ter união que dá pra brincar de qualquer coisa e com o que quiserem (brinquedos, objetos). Ainda reforçaram a brincadeira coletiva, por acharem que não tem graça brincar sozinho.

(02: 49) Em seguida perguntei sobre a brincadeira na escola.

N. se referiu ao pingue-pongue, pois a escola está com uma mesa (nova) no pátio, basquete e ficou em dúvida sobre um disco, soprado com I.. P. se referiu também ao pingue-pongue, basquete e ao futebol de mesa. M. F. lembrou que não escola tem várias pessoas pra brincar e cada um tem que aprender a dividir.

Perguntei a ela onde ela brinca na escola e ela disse que no pátio, contanto que hoje brincou de pingue-pongue.

M. E. falou que a escola não é só pra comer e fazer lição, é pra brincar também. E disse que tá melhorando, porque agora tem cesta de basquete, pingue-pongue, pebolim, disco voador e, vários outros objetos para brincar. I. lembrou das três marias, e os outros concordaram e lembraram da dama.

N., sério, falou sobre a guerra de papel que fizeram um dia. Todos começaram a rir, assim como ele também. Perguntei se isso era brincar e eles disseram que isso também é brincar. Falaram que quem brincou teve sorte em não se machucar e que é perigoso de machucar (muitas falas ao mesmo tempo). Brincaram na sala disso.

(5:30) M. F. lembrou uma brincadeira que a professora Joana fez com eles, com muita empolgação. Falaram com entusiasmo e sorridentes, parecem que sentem saudades do “modo” como ela dava aula. Dividiu a sala em uma fila das meninas e outra dos meninos. Ela deu duas bolas de bexiga e passava por de baixo e quem passasse primeiro ganhava. E não podia deixar a bexiga estourar. Esta brincadeira era feita dentro da sala. Também lembraram da brincadeira do silêncio (I.), que tem que ficar em silêncio e bater na mesa para mudar de lugar.

Retomei a fala deles sobre o ano passado e disse que gostaria de falar com eles sobre a professora do ano passado, a professora Joana.

(6:05) M. F. falou sobre a brincadeira “se tinha H ou se não tinha”. A professora chamava uma pessoal e falava “Hotel, tem H ou não tem?” Se tivesse “h” ganhava ponto. M. E. falou “Na lição ela fazia como se fizesse uma brincadeira, aí a gente entendesse assim. Não uma brincadeira de mal gosto. Uma brincadeira legal... Não fica assim chata!”. I. complementou dizendo “Não fica assim sem fazer nada.” e lembrou que a professora deixava brincar. Ela era mais legal.

Como não entendi sobre a brincadeira do H pedi que esclarecessem.

(7:00) M. F. disse que a professora dizia a palavra, eles tinham que soletrar e se acertassem ganhavam pontos. Os alunos ficaram empolgados pra falar, mas respeitaram a fala do outro.

M. E. lembrou que com o livro da Aymará a professora conseguiu fazer atividades legais, tirou foto, convidou um amigo do Japão para conversar com eles. Todos falaram juntos e disseram que ela fazia várias coisas com eles. Lembraram dotsuru.

(7:49) P. falou sobre fazerem mimica e a sala ter que adivinhar. M. F. com a ajuda de I. falaram sobre a encenação que a professora fez, dizendo que era o teatro.

(8:05) Perguntei a eles sobre a brincadeira com a bexiga, quando a professora fazia com eles e M. E. responde “Quando a gente ficava quietinho.”.

(8:10) Continuaram falando sobre as brincadeiras que a professora fazia com eles. Isabela falou sobre brincar de pega-pega, esconde-esconde. N. também falou “Quando nós ficava quieto, ela deixava vir pra cá. A gente brincar de bola, pulando corda.”. I. falou que ela deixava eles correrem a vontade. M. F. falou do dia que ela pediu pra diretora pra eles ficarem na quadra, a professora dividiu a quadra na metade pros meninos e metade pras meninas e se dividia entre eles, pulando corda com as meninas e jogando futebol com os meninos.

(8:45) Mas se tivesse briga eles voltavam para a sala.

(9:05) P. lembrou que a professora Maria também brincava com eles.

(9:40) I. falou sobre o dia que a professora Joana falou que levaria eles para jogar futebol, meninas x meninos. Ficaram na discussão sobre quem ganhou. Chegaram a conclusão que jogaram um dia na frente do bebedouro e a professora ficou no time das meninas e a Janaína no dos meninos.

(10:17) A auxiliar da pesquisa perguntou “Elas brincavam com vocês?” e todos confirmaram. I. falou “Brincavam bastante com a gente.”. Relacionando com o brincar, I. falou sobre o dia que eles levaram lanche pra comer na sala, foi o piquenique, do amigo secreto (que eu estava).

Tive que pedir para eles esperarem o outro falar e eles respeitaram.

I. e M. F. falaram sobre a festa surpresa que fizeram pro P.. E, também lembraram da festa que fizeram pro inspetor . (P. falou sobre as festas que ele fez na escola nos outros anos.).

(11:40) Propus a atividade dos desenhos para eles fazerem e eles aceitaram, para depois continuarmos conversando.

(12:00)Foram todos para a mesa para desenhar. No início sentaram misturados e depois se dividiram, formando uma mesa de meninos e outra de meninas. E pareceram estar entretidos nos desenhos.

Relembrei falando que era para fazerem o desenho sobre a brincadeira na escola.

M. E. perguntou sobre o que era pra fazer o desenho mesmo.

Eles pareciam gostar de desenhar. L. elogiou o desenho do V.. I. perguntou se estava bom o desenho. Enquanto desenhavam os conversavam sobre o desenho.

Enquanto desenhavam conversavam entre si, queriam saber o que o outro desenhava. Eles interagiram bastante.

(18:00)I. começou a fazer outro desenho e L. também.

(19:50)Algumas meninas disseram que não sabiam o que desenhar e eu disse o que eles lembravam quando pensavam em brincadeira na escola.

I. falou que faria a mesa de pingue-pongue. M. E. falou que estava fazendo o recreio deles. Também falou para todos que não era para esquecer e devolver as canetinhas.

(23:32)Eu resolvi perguntar a eles se eles sempre fazem desenho na sala. L. falou que às vezes a professora manda e às vezes não. N. falou que eles pintam os desenhos que tem nas atividades. Alguns disseram que desenhavam mesmo sem a professora pedir e outros falaram que ela deixa desejar depois que terminam a lição.

Eles se preocuparam em pintar e ficar bonito. Pediam outra folha quando erravam. Algumas crianças pediram para ir ao banheiro durante a atividade. Começaram a levantar e se agitaram um pouco. Enquanto esperavam três deles terminarem, começaram a correr pela sala. Foram repreendidos inúmeras vezes, mas não adiantou.

(25:04) Percebi que L. estava com preguiça de pintar o desenho.

Conversei com a merendeira para ir com eles no refeitório.

(28:29)Alguns deles falaram que não tinha ninguém lá fora, mas eu falei que estávamos liberados para ficar dentro da sala de música, porque a tarde são os alunos mais novos que usam o pátio.

(29:20) Começaram a terminar os desenhos.

G. falou que fiz a escola do Japão, porque lá tem piscina.

Começaram a querer ir ao banheiro e eu liberei um de cada vez. Novamente Isabela pediu para ir ao pátio.

Todos começaram a se dispersar pela sala e eu chamei para sentarmos em círculo de novo.

(35:43) N. mostrou o seu desenho pra mim e explicou seu desenho rapidamente, dizendo que era o pátio, a mesa de pingue-pongue e algo que ele não sabia desenhar.

(39:00) Começaram a gritar pela sala, andar de um lado pro outro, se jogar no chão.

Pedi que os meninos parassem de fazer graça, eles zombavam do nome da L., falando que era “Lasanha”.

2º Momento

Deixei o gravador desligado por um tempo, pois eles ainda terminavam o desenho e não estavam falando nada sobre a brincadeira.

3º Momento

Áudio 2:

(3:07) Comecei a pedir se organizassem para falarmos do desenho.

L. falou que seu desenho estava feio.

V. novamente chamou L. de “Lasanha”. E eu chamei novamente a atenção falando sobre esses tipos de brincadeira. L. falou “Ah, ele quer se exhibir.”. “Ele vai acabar apanhando de alguém, ele tá folgado.”.

Todos voltaram para a roda, menos I. que estava chorando. Comecei a conversa mesmo assim e deixei que ela decidisse se voltaria, não quis força-la.

(4:07) N. desenhou um campo de futebol, porque gosta de jogar bola. Então perguntei se na escola ele joga bola também e ele disse que não. L. discordou dele e ele disse “A tia não deixa!”. Eu referi a educação física e ele falou “Tem, mas nós não joga bola. (...) Ele não dá futebol, ele só dá queimada.”. Lembrei que com a professora Joana eles jogavam e eles concordaram, dizendo que ela deixava. Assim, aproveitei para perguntar da professora nova e eles disseram “Ela é ruim.”. M. E. lembrou que ela disse que os levará segunda-feira. Completando, Luiz disse “Segunda-feira é um dia que quase ninguém vai vim.”. N. falou “Por isso mesmo, porque não vai ter o L. e nem o O.”. L. disse que O. vai pra escola e N. afirmou que também vai.

(5:10) V. desenhou a cesta de basquete, o pebolim, o refeitório. Tiraram sarro do desenho e falei que cada um desenha o que lembrou. Perguntei se ele desenhou o

refeitório porque ele brinca no refeitório também e, N., rapidamente disse “A tia não deixa.”.

(5:37) M. E. falou que brincam sim, mas muitos disseram que a tia (inspetora) não deixa. N. também lembrou que um dia ela deixou eles trancados lá no refeitório o recreio inteiro. M. F. respondeu “Claro, refeitório é lugar de comer, não é lugar de ficar brincando.”.

(5:55) Nesta hora perguntei se brincar era só brincadeira que eles correm. Eles responderam em coro que não.

N. lembrou do dia que eles pularam o muro e as inspetoras puxaram a orelha deles. Perguntei se isso era brincar e eles começaram a rir.

(6:37) L. também desenhou um campo de futebol.

Uma das crianças disse “Tia, no do N. ninguém ficou dando risada do dele. Porque ele fica dando risada dos outros?”.

(7:10) G. falou sobre a escola que estudou no Japão, entre os 6 e 7 anos, e que lá ele fazia natação.

(7:18) Perguntei novamente se eles achavam que brincar era só jogar bola, nadar. E eles disseram que não.

L. falou que nadar não era brincar e eu perguntei se jogar bola era. Ele respondeu que é uma profissão. Então, falei que pode ser também e ele concordou.

Assim, G. perguntou a L. se ele não brincava na hora que estava na piscina e ele concordou.

(7:43) Uma das crianças desenhou uma rede de vôlei.

Novamente comentaram sobre o desenho dos outros, que não tinha jogadores.

(9:21) M. E. desenhou a mesa de pingue-pongue, pebolim e o refeitório. O palco e a quadra.

L., I. e L. não quiseram falar.

(10:30) Falei que a maioria dos desenhos que fizeram eles colocaram a quadra, natação, o refeitório. Só que já tínhamos conversado que a brincadeira também estava dentro da sala de aula. L. falou “Ninguém desenhou a sala de aula.”. M. E. disse que lembrou, mas não desenhou e L. disse que não sabe desenhar uma sala de aula.

(10:50) Então, M. E. disse “É muito difícil a gente brincar na sala de aula.” E, N. acrescentou “É de vez em nunca.”. Acrescentaram que principalmente este ano, não brincam. Só fazem a brincadeira do silêncio, por 10 ou 5 min. N. falou que devem ficar quietos e abaixar a cabeça.

(11:18) Lembrei que a brincadeira do silêncio eles já brincavam ano passado. Perguntei se sempre brincaram disso na escola ou foi a professora Joana que começou a brincar. L. disse que foi eles que inventaram e M. E. da falou que foi a professora que ensinou.

(12:01) Novamente perguntei se a professora Joana brincava com eles e eles concordaram. M. F. falou que até ela brincou da brincadeira do silêncio um dia. E os outros riram.

(12:13) Aproveitei e perguntei o que eles achavam da professora brincar com eles. Responderam “É muito legal!”. Acrescentaram que é legal e ótimo. M. E. falou que isso gera união.

N. perguntou se eu contaria pra alguém o que eles falaram. E, L. disse que N. falou que a professora Márcia era chata e concordou.

(13:10) Perguntei a eles se a professora deste ano faz brincadeira com eles e eles negaram.

Chamei a atenção que não paravam de falar e disse que quando querem falar eles querem que os outros escutem e eles confirmaram.

(13:47) M. F. falou que ela quer brincar com eles, mas como tem alunos que bagunçam ela se irrita com eles e passa mais lição, descontando em todo mundo. Se alguém bagunça, ao invés de descontar só em um, ela desconta na sala toda. Se bagunça, não brinca.

(14:24) M. E. falou que na hora do almoço todo mundo brinca, menos a sala deles. Eles foram pedir para ela e ela disse, que só poderia outro dia.

(14:42) Falei sobre a professora Joana brincar com eles da matéria, se também seria um jeito de brincar. M. E. falou que a professora nova não brincou com eles da matéria.

(15:10) V. contou que o P. colocou uma lagartixa de brinquedo na cadeira da professora que saiu de licença. P. pareceu entusiasmado com a brincadeira, mas a professora disse não ter medo.

N. falou que tudo ele leva a culpa.

(15:25) Perguntei sobre o jeito que a professora é como eles, o jeito que ela conversa se é diferente.

L. falou que ela não conversa com eles direito e N. falou que ela só grita. Alguns riram. M. E. disse que também conversa e, L. falou que ela mais grita do que conversa.

(15:48) M. F. lembrou da professora Joana, que contava sobre o que acontecia com ela. M. E. da falou que quando ela chorava todo mundo ia abraça-la. A professora Joana falava do filho dela. E lembraram que já falaram com o filho dela no telefone.

Lembraram que fizeram um chá de bebê para a professora deste ano, mas teve lição. Alguém disse que foi a pior coisa.

(16:39)Referi ao jeito diferente de dar lição que eles já me disseram. Nicolas respondeu “Tem a lição divertida e a lição chata.”.

No meio da conversa eles não paravam quietos.

(17:30) Lembrei que depois que terminarmos brincaríamos.

(18:25)I. estava chorando e fui falar com ela.

(19:50) Falei sobre ter que ficar chamando a atenção de vocês.

(20:10) Perguntei sobre o bingo que a professora Joana fez com eles. Perguntei se a professora sempre brincava com eles, se fazia atividades para eles brincarem.

(21:14)Lembrei que a professora Joana contava história para eles. E eles disseram que ela contava várias histórias. Se não fazia brincadeira, ela contava histórias.

(22:42) Novamente, falei sobre a brincadeira acontecer fora e dentro da sala. L. falou de estarem me cortando que não param de falar. M. E. falou que todos verão que são mal educados e M. F. falou eles disseram que me ajudariam.

(23:39)Quando a brincadeira não pode acontecer?

Victor rapidamente respondeu “Quando tá fazendo a lição.” M. F. falou “Quando é alguma coisa muito importante.”. E, Maria Eduarda falou “Quando tem agressão.” Luiz falou “Quando tem briga.”. Contaram que uma aluna caiu quando estava brincando e falei que são coisas que acontecem.

(24:25) Perguntei se tinha graça quando a brincadeira era de mal gosto e eles disseram que não. Não é mais brincadeira, mas o P. o faz. N. falou que falaram da mãe do Pedro que já falei e que começaram a brigar e foi “da hora”. M. E. logo disse que não.

(24:50)E quando a professora diz que não é pra brincar? Não responderam e ficaram falando. M. E.

falou que era por isso que a professora não leva eles para lugar nenhum, porque ficam fazendo bagunça.

Pediram para brincar.

(26:30)Contei que conversei com a professora Joana no ano passado e agora estou com eles pra ouvir deles. E, falei o quanto é difícil eles serem ouvidos e eles ficaram quietos.

M. E. falou que tem que saber a hora que é de brincadeira e a hora que não é. Falei que não precisa de uma hora, mas como a professora Joana fazia. E, que também falarei com as professoras sobre a brincadeira com as professoras da escola.

(28:11)Que brincadeiras dava para acontecerem na escola?

M. E. falou sobre ensinar a escrever melhor. P. falou sobre a caligrafia.

A bagunça pode ser diferente da brincadeira. M. E. falou que se fosse assim seria muito melhor, quando ouviu que falei sobre a brincadeira não ter uma hora delimitada, mas aprenderem brincando.

(29:50)Falei que quero ouvi-los. E, se queriam mais brincadeira na sala de aula e eles concordaram. Querem mais tempo pra brincar. Perto das 10h pedem pra brincar e a professora diz que eles tem que terminar a lição. Sexta, M. E., disse que só de sexta que não fazem nada e nos outros dias não podem brincar. Também falaram sobre a educação física o professor faz o que ele quer e não o que eles querem. A professora do ano passado fazia de terça o que ela queria e de quinta era o que eles queriam. Só que se tivesse briga passava a lição da lousa. O professor deste ano só joga queimada.

(33:20)Perguntei sobre levarem brinquedo pra escola e disseram que ano passado levavam e que este ano alguns levam. Brincam no tempo livre. Se começam a brincar a professora manda guardar. A professora guarda os brinquedos, filma eles na sala.

Falaram sobre xingar um o outro e então falei sobre o respeito. Se continuarem assim seriam eles que sairiam perdendo.

Eles estavam bem agitados.

14:20 até umas 14:40 Fomos tomar o lanche. No refeitório ficaram sentados na mesa, conversando. Nem pareciam as mesmas crianças. Talvez ficar dentro de uma sala fechada eles não aguentem por muito tempo, mesmo que estejam fazendo atividades diferentes.

4º Momento

14:40 Brincadeiras (uno, se eu fosse pra Lua, quadrinhos.)

O primeiro jogo que quiseram foi o UNO, alguns não quiseram brincar e ficaram conversando. Como estes estavam de fora, não joguei com os que estava no UNO, mas fiquei por perto. Não demorou muito e perderam o interesse, alguns saíram no meio do jogo.

Começamos a brincadeira dos quadrinhos, tipo palitinhos, tinham que adivinhar quantos quadrados dava na soma depois que todos colocassem a quantidade desejada (3, 2, 1 ou 0) na mão e a esticasse para o meio da roda. Brincamos um pouco, mas logo perderam a empolgação. Alguns nem quiseram brincar e foram desenhar.

A única brincadeira que fizemos até o final foi a “Seu eu fosse pra Lua o que eu levaria”. Fiz alguns cartões com as seguintes frases (doces, brinquedos, nomes de meninos, comida, objetos redondos, veículos, objetos que tem na cozinha, líquidos, objetos do banheiro, calçados, frutas, animais terrestres, material escolar, objetos de

madeira, objetos pequenos). Nesta brincadeira a grande maioria brincou, mas muitos entravam e saíam da brincadeira. A auxiliar da pesquisa também brincou com a gente nesta hora.

15:45 Terminamos as brincadeiras.

Talvez por não terem um espaço para as brincadeiras, quando este espaço é criado eles não sabem muito o que fazer, querem brincar de várias coisas ao mesmo tempo, muitas vezes perdendo rapidamente o interesse em uma atividade para dedicar a outra.

Os alunos que iriam para casa sozinhos foram embora e ficamos com I., G. (que também iria sozinho, mas resolveu ficar mais um pouco até dar 16h) e L.. Enquanto esperávamos eles começaram a brincar de mimica e até eu e a graduanda auxiliar da pesquisa entramos no meio da brincadeira. Foi espontânea e pareciam estar se divertindo.

ANEXO 6

Roteiro da entrevista com os professores

Nome:_____ **Idade:**_____

Sala em que leciona (Ano):_____ Período:_____

Experiência profissional (há quanto tempo dá aulas):_____

Formação Acadêmica

- Outras formações: Anos de profissão; quanto tempo esta na escola; quanto tempo leciona para ensino fundamental ou infantil;

Dados da Formação

- Como foi a escolha pela profissão de professora?
- Como iniciou a carreira profissional?
- Ainda estuda, faz alguma especialização?

Concepções Gerais do Brincar

- O que é brincar para você?
- Acha importante que as crianças brinquem? Por quê?

- Como vê a relação entre o brincar e o aprender ou se desenvolver? (Pergunta feita se não houver uma resposta semelhante na questão anterior).

Atividades em Sala de Aula

- Como são suas aulas? (Método de aula)
- Quais os recursos utilizados?
- Há dificuldade para diferenciar as aulas? Quais?

O Brincar na Escola

- Acredita que o brincar deve estar no ambiente escolar?
- Você utiliza de brincadeiras durante suas atividades educativas?
- Adverte o aluno quando este brinca dentro da sala de aula? Em que momentos?
- Quais as brincadeiras mais frequentes que você observa nas crianças?

Comentários a mais sobre o tema.

ANEXO 7

Transcrição da entrevista com a professora Joana

P: Bom, vai ser mais uma conversa entre a gente. Eu só tenho as questões, só pra olhar mais ou menos.

Então, primeiro a gente vai começar falando da sua formação acadêmica.

J: Então, eu tenho magistério e tô cursando agora pedagogia. Fui pro terceiro semestre de pedagogia.

P: E, quanto tempo que você dá aula?

J: Vinte cinco anos.

P: E só pro ensino fundamental ou ...

J: Educação infantil e ensino fundamental I.

P: Nessa escola você entrou esse ano, ou não?

J: Não. Desde 2008.

P: E você pretende continuar aqui?

J: Ah..pretender, pretendo. Mas acho que não é possível. Por causa da classificação, né. Tem uma classificação. Eu sou efetiva.

P: Como foi a escolha da profissão?

J: Ah, desde pequena. Sempre quis ser professora. Falava quando era pequena que queria ser professora, queria ensinar, gostava de brincar de escolinha. E, e foi, as coisas foi caminhando pra isso. Toda a minha vida eu pensei nisso, eu fiz isso como meta mesmo, me tornar uma professora.

P: Então, você faz pedagogia pra continuar dando aula ou não?

J: Eu quero participar da gestão escolar agora. Eu acho que eu queria sair um pouco da sala de aula e participar da equipe escolar mesmo.

P: Por ter esse tempo?

J: Por ter esse tempo. Acho que pela minha experiência vai ser talvez mais prático pra mim, e talvez eu pudesse contribuir mais.

P: Agora falando sobre o brincar. O que é o brincar pra você?

J: Na escola?

P: No geral.

J: No geral. Ah, eu acho que é tudo! Você brincando você aprende, em todos os momentos. É tanto na vida da gente, é numa aula, num... com teus filhos, com tua família. Eu acho que se você puder fazer da brincadeira uma rotina o aprendizado fica muito mais fácil. Em qualquer lugar. Eu acho que a aprendizagem se torna mais clara, mais sentida eu acho.

P: Então você acha importante que as crianças brinquem.

J: Muito! Muito...

P: E no que você acha que a brincadeira leva?

J: Leva a isso, eu acho, a sentir. Quando a... você dá só conceito o conteúdo é muito mais fácil de ser esquecido. Quando você ensina brincando, aquilo fica guardado. Ele vai lembrar da brincadeira e vai lembrar porque que eles brincaram. Então, é, eu acho que a memória fica melhor, fica guardado mesmo.

P: O efeito que ele dá..

J: É, eu acho que isso. E tem mais, quando você fala brincando, quando você ensina brincando, quando eles aprendem brincando.

P: Não fica aquela coisa...

J: Maçante.

P: Como você vê a relação entre o brincar, o aprender que você já me disse e o desenvolver?

J: É assim, eu acho que eu como professora até poderia usar mais brincadeira. Assim na minha auto avaliação. Eu acho que quando você oferece a brincadeira, quando você se propõe a fazer, dar um conteúdo, ensinar alguma coisa através de brincadeira, você dispõe nisso um desenvolvimento muito maior na criança, porque ela não tá só desenvolvendo o lado físico de uma brincadeira. É o intelectual, né. Do raciocínio mesmo, de ter que pensar, de ter que respeitar regras. Então o desenvolvimento dela é mais global. Engloba mais coisas que só o fato de você tá ali ensinando uma matéria, um conteúdo. Então, eu acho que desenvolvimento e brincadeira, andam juntos. Só que precisa ser muito bem trabalhado, porque dar brinquedo e brincadeira só por dar também não tem função. Eu acho que tem que ter propósito. Eu acho que tudo que a gente faz na sala de aula tem que ter um propósito. E até mesmo o fato de brincar.

P: Agora só pra constar mesmo, porque eu já conheço o seu tipo de aula. Como são as suas aulas, as atividades que você utiliza?

J: Minhas aulas tem de tudo um pouco. (rindo) Às vezes eu sou muito tradicional, porque eu sinto. Eu acho que tem dias que eu preciso ser assim. Eu preciso ser mais conservadora... algum ponto que eu quero explicar pra eles. Outros eu me sinto mais flexível, eu consigo fazer coisas diferentes, eu consigo desenvolver dinâmicas na sala de aula. É, usar materiais diversificados. Mas não são todos os dias...

P: Em relação ao conteúdo ou como as crianças estão?

J: Acho que é conteúdo mesmo, porque às vezes você tem muita coisa pra dar, né. A gente... professor tem essa mania de querer abraçar o mundo, né. E nem todo dia é assim. A gente tem que matar um leão por dia. Então, quando a gente tem essa visão de um dia de cada vez, fica mais fácil. Então eu preparo minhas aulas, né. E tem dias que dá... tudo ocorre como eu planejei, mas tem dias que não. Então tem dias que eu tenho que tomar, fazer retomadas. Tem dias que eu sou mais mãe do que professora. Porque você vai ter que falar sobre valores, você vai ter que trabalhar valores. Esquecer tudo que você tinha pra ensinar e trabalhar outras coisas. E tem dia que você é aquela professora chata mesmo, que vai ficar brigando, vai ficar gritando. Porque são poucas opções. Eu acho que o leque pra gente no município é muito pequeno, ainda. Por mais boa vontade que o professor tenha.

P: Opções de...

J: De ensino... de material...diversificado. Eu acho que tem que ser mais assim... falando mesmo. E fazer de uma forma diferenciada.

P: Se você quer fazer uma atividade diferenciada é, são só as suas coisas...

J: Com as minhas coisas, né. Eu não posso fazer um passeio com eles. Eu não posso sair da escola com eles, porque não tem ônibus, né. Porque eu dependo de toda uma demanda, um processo burocrático pra isso. Infelizmente não dá. Né. Então é em sala de aula mesmo. E procurar fazer dessa...

(uma professora veio emprestar cola)

É, toda um jeito diferente. Porque se você. Até por mim mesmo. Porque se eu for dar aula todos os dias da mesma maneira eu me canso muito mais, eu não me aguento.

P: É uma rotina.

J: Uma rotina. E eu não gosto muito de rotina não. Eu acho que as coisas tem que funcionar de acordo com a necessidade. Então, eu acho que eu... Eu preparo as minhas aulas, eu sei o que eu tenho que falar, eu sei o que eu tenho que dar. Mas eu acho que a forma que eu vou agir vai depender do dia. Depender da reação deles, depender do humor deles. Do cansaço. Do meu cansaço. Da minha disposição de fazer. É muito...

P: É tudo...

J: Engloba muita coisa.

P: Legal o que você falou de preparar as aulas e não conseguir dar. Isso tem a ver conforma a aula vai, conforme os alunos estão.

J: É. Porque é um retorno. Né. Eu tinha há alguns anos atrás, eu acho que professor era aquele que sabia tudo. Então os alunos não sabiam nada. Eu era a detentora da verdade. Eu aprendi que não é assim, né. Eles sabem muito mais do que a gente. A gente sabe a parte teórica. Fazer conta de mais, fazer conta de menos. A gente sabe fazer, a gente sabe explicar. Eles sabem ensinar pra gente como aplicar isso no dia a dia. Da forma deles, do jeito deles. É, jogando figurinha, bola de gude. Eles vão ensinando pra gente dessa maneira. Então o meu, o meu modo de dar aula depende muito mais deles do que de mim. Eu posso chegar aqui com mil coisas diferente, mas se eles não tiverem a fim, não tiverem com vontade vai ser uma aula do mesmo jeito que as outras. Acho que é mais do jeito deles do que de mim.

P: E você já falou, suas dificuldades em diferenciar as aulas. Mas você acha tem alguma coisa a ver dentro da sala de aula ou é mais a parte de...

J: É mais burocrático mesmo. Mas financeiro, burocrático, né. Você tem mil e uma idéias, mas você não tem acesso a essas coisas. Você tem a internet que te facilita, mas...é, se você quiser trazer alguma coisa diferente, um... profissional diferente pra falar, difícil. Diferente do que uma escola particular. Que pode pagar. Toda a minha experiência é em escola particular. Então eu... tudo o que eu queria eu tinha! Ah, eu quero ir pro playcenter com as minhas crianças. Os pais pagavam. Ah, eu quero passar um dvd. Tinha um dvd, tinha um filme. Não precisava comprar um dvd pirata pra passar. Porque tinha o original na escola. Minhas crianças tinham. Elas tinha acesso a isso. E aqui não. Difícil.

P: Então a sua formação você fez na escola particular desde o começo?

J: Desde o começo. Nunca tinha trabalhado em município.

P: E agora...

J: Há dois anos e meio no município.

P: E porque você mudou?

J: Porque eu fiz o concurso. Fui chamada, né. E optei por isso, pela escola.

P: Ai sai da escola...

J: Ai sai da escola particular.

P: E agora sobre o brincar na escola. Você acredita que o brincar deve estar dentro da escola?

J: Não só dentro da escola. Eu acho que a gente tem que ensinar pras crianças que brincar é muito mais que sentar na frente do computador e ficar jogando um joguinho, ou ficar jogando videogame. Eu acho que brincar é se mexer mesmo. É pensar... É tá se

movimentando. Na sala de aula, a gente... Como eu te falei não dá pra fazer sempre isso, né. E eu nem tenho costume. Eu nem consegui esse ano sair com meus alunos lá pra fora. Por causa de muitas coisas. Mas assim, eu acho assim, tem horas que tem que chegar e falar “Vamos levantar! Vamos relaxar. Vamos fazer alguma brincadeira” que desse pra fazer dentro da sala de aula. Mas isso tem que ser fora. Porque não tem tempo. Nem pra brincar dentro da sala de aula. Tempo hábil pra isso.

P: Aqui na escola tem muitas coisas que acontecem além do conteúdo da sala.

J: Nossa. Muito mais! Tem dias que você é só mãe. Você não é professora. Você é só mãe. Tem dias que você vai ser professora. Tem dias que você vai ser tia. Você vai ser boazinha. Tem dias que você vai ser professora brava e vai ter que falar mais alto, vai ter que se impor. Porque é a resposta deles. Então o professor tem que tá muito flexível a isso, porque você não trabalha sozinho.

P: Tem que estar aberto a enxergar.

J: Estar aberto há mudança a retomada. A falar “Não, esse caminho que eu tô tomando ele não tá dando certo. Eu tenho que voltar e fazer de novo! Fazer de um jeito diferente!”. Tem que ser assim.

P: Na hora que você falou de... perceber como eles estão respondendo.

J: É, porque não dá. Se você é... é dá murro em ponta de faca. Eu acho que a gente tem que agir de acordo com a resposta deles. Se eles estão receptivos a gente vai embora. Se não tá, vai ter que mudar mesmo. Mandar respirar fundo. É... tentar fazer de uma outra maneira. Usar um material que eles gostem. Pra poder chamar atenção pra você poder alcançar seu objetivo. Se não você vai se sentir frustrada todos os dias.

P: É, você já falou. Mas eu queria saber em quais atividades você usa a brincadeira ou atividades diferenciadas.

J: Então, eu gosto de usar na hora assim que eu vejo que eles estão muito cansados. Que eles estão estressados. Eu gosto de fazer umas pausas e pedir pra brincar de morto vivo. É... às vezes a gente fica brincando de... Ah, eu falo uma palavra e eles tem que cantar uma música, né. É só... É pra relaxar! Não é nem tanto pra brincar. Às vezes eu nem falo a palavra vamos brincar! Eu costumar falar “Vamos relaxar!” Pra eles saírem um pouquinho daquela tensão. Da rotina. Fazer mesmo... Lá no pátio, algumas vezes que eu fui... a gente fez oficina de brincadeiras antigas. Então a gente confeccionou... aquelas latas, que eles tinham que andar nas latas. O bilboquê. O vai e vem com a garrafa pet. Então algumas vezes a gente foi lá fora. Mais assim, eu acho que brincar eu deixar muito a desejar com meus alunos esse ano. Mas por conta disso mesmo. Por ser uma sala muito numerosa. É, por muitas dificuldades que eles tinham. Por toda demanda de conteúdo. Então a gente fica muito presa a isso.

P: É, eu vi que tinha alunos bem diferentes.

J: Bem diferentes. É uma sala muito...heterogênea. Eu gosto disso. Eu não queria ter uma sala homogênea. Nada disso. Mas, assim, te dá mais trabalho. Exige mais de você como professor, né. Mas eu, eu... até no jeito que eu dou aula. Eu queria fazer diferente. O jeito que eu converso com eles. Eu queria que algumas vezes eles percebessem que não era só professora. Era amigo mesmo! Era uma amiga que tava falando que tava ensinando.

P: É, você sempre falava isso pra eles.

J: É, eu sou amiga. Eles são meus amigos. Eu sempre encarei eles como meus amigos. Não eram meus alunos. Amigo cuida, amigo ensina, né. O amigo... ele zela um pelo outro. Que quando que você só passa que você professor eles tem veem como professor. E quando é amigo, eles tem mais cuidado. Eles tem mais medo de machucar. Eles tem medo de magoar, de fazer coisas erradas, porque é amigo! Então eu sempre...

P: Ficar perto, mais próximo.

J: É. Eles tem maior proximidade com a gente mesmo.

P: Você, quando os alunos brincam em horários que você não estipula você briga com eles ou você deixa que eles brinquem?

J: Depende da brincadeira. Eu acho que tudo tem a sua hora. Se é uma brincadeira que não incomoda, que não tá incomodando, que não tá atrapalhando quem não quer brincar, eu acho que não tem problema nenhum. Agora se é uma brincadeira, é... que vai atrapalhar, que tá incomodando alguém. Então quando a brincadeira às vezes é agressiva, eu prefiro cortar mesmo, porque eu sei que dali não vai dar muita coisa. Então, eu prefiro cortar e deixar mais tranquilo pra eles.

P: E, quais são as brincadeiras que você mais observa neles. Que eles fazem...

J: Que eles fazem? Ah, é pega-pega, esconde-esconde. Agora eles estão com essa mania de ... é, toca um e... não sei nem como eles chamam essa brincadeira. Eles tocam e o outro não pode tocar, e se tocar tá com ele. Mas é um pega-pega diferente. Que eu já notei. Não é igual a minha época. Eu acho que eles reformularam o pega-pega. Mas eles gostam muito de jogos. Às vezes eu trazia jogos pra cá. Eles gostavam de jogar. São competitivos, né. É uma faixa etária muito competitiva. Tem que ganhar. Isso atrapalha muito. São muito competitivos. Isso já é deles. Não foi aguçado, não foi estimulado. Mas eu acho que é dá faixa etária mesmo essa necessidade que eles tem de tá ganhando. Né, mas nem sempre ganha. Perdem. Perdem um monte.

P: Eu queria saber se você quer falar alguma coisa a mais sobre o tema, da brincadeira na escola, aprendizagem...

J: Bom, assim Paola. A gente sabe que... eu sei como professora, que brincar é muito importante. Eu falo pelos meus filhos, né. Eu chego da faculdade dez e pouco da noite e meus filhos tão me esperando. O Pedro que que eu brinque de carinho com ele dez e

pouco da noite. Falar pra você que eu tenho vontade, eu não tenho vontade. Mas eu sei que é importante pra ele e é importante pra mim também como mãe. De tá perto dele, de tá brincando com ele. E pras crianças da escola, eu acho que é mais esse papel também. Deles sentirem, que tem essa hora que eles podem relaxar. Eu acho que a brincadeira pra eles não funciona como só diversão. Eu acho que dentro da escola é um... uma hora deles se desligarem um pouco dessa rotina pesada, na escola. E eles falarem assim “não, agora é hora de eu relaxar!”. Eu acho que não precisa ser uma brincadeira que corra, que envolva esforço. Nada disso. Mas eu acho que eles precisam se desligar da rotina. Só esse desligamento eu acho que já dá um novo ânimo pra eles. Sabe um novo fôlego pra eles continuarem. Eu acho que brincar é importante. Eu, particularmente, eu acho que falei muito com relação a isso eu acho que podia ter tido mais, mas assim... eu acho que eu fiz o melhor que eu pude. Falhei em algumas coisas, mas é aquela vontade que a gente tem na hora. Ano que vem eu vou fazer diferente. Eu espero sinceramente fazer diferente. Eu não sei se vai ser diferente, não. Mas eu acho que só o fato da gente querer, já é um bom começo. Só o fato da gente ter consciência que podia ter feito melhor, já é um bom começo pra gente.

P: Igual você falou, de ver o que eles pedem também.

J: É. Porque tem dias que eles não vão querer brincar, eles vão querer lição. Teve muitos dias que eu falava “Olha gente, vamos fazer um desenho, vamos relaxar um pouquinho!” “Não tinha a gente quer lição!”. Então não adiantava eu querer propor passar pra eles um relaxamento porque eles não queriam. Eles queriam lição. Eles queriam escrever no caderno, queriam fazer as tarefas deles. Então, eu acho que tem ser a resposta mesmo. Aquele... é o estímulo e a resposta. Você tem que saber quando estimular. Eles vão te dar a resposta. Você vai ter a resposta, você vai estimular novamente e você vai ter esse retorno. Esse bate e volta sempre.

P: É legal isso também, porque você como professora não tem “Há, vai ser de novo igual!”

J: Não!

P: Você sabe que cada dia...

J: Todo dia é um dia diferente. Eu acho que eu nunca dei a mesma aula um único dia. Nunca foi igual. Podia dar aula pra particular, agora pro município. Nunca foi igual! As respostas são diferentes, eles são diferentes. O conteúdo é o mesmo. Mas os alunos são diferentes. E eu acho que isso que é a graça, né. Saber que vai ser diferente. Porque se fosse tudo igual, nossa... Eu tava morta! Não ia aguentar!

P: É isso. Obrigada.

J: Que bom , P.. Magina, obrigada você.

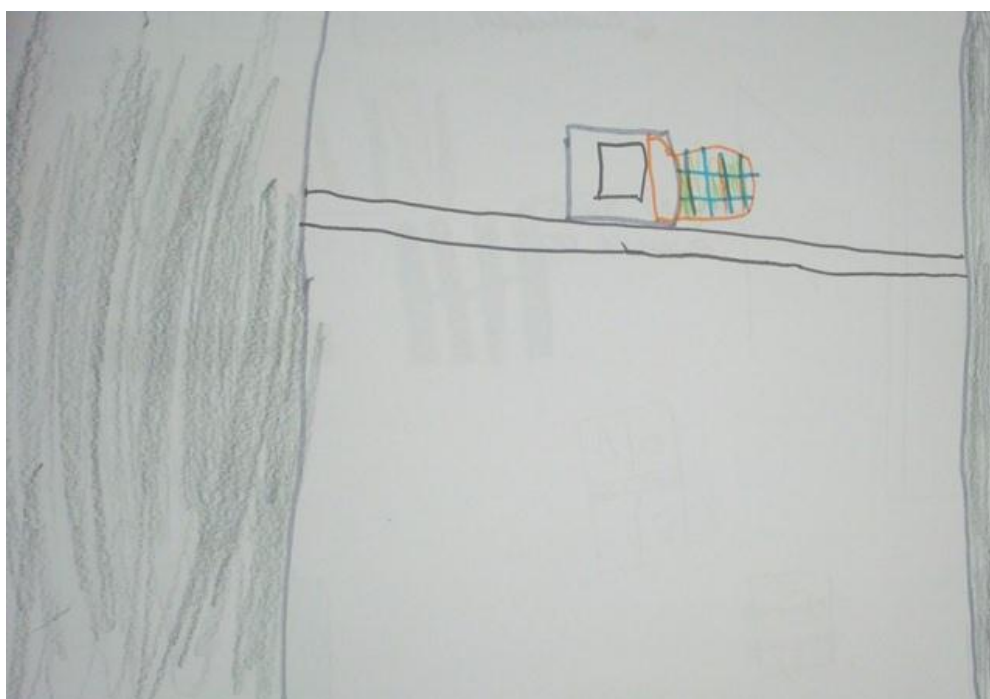
Ao fim da entrevista a professora falou sobre o porquê tantas pessoas irem a sala dela. Numa forma de desabafo mesmo, porque disse que perguntava sempre porque todo mundo ia pra lá. A sala era numerosa e tinha dia que tinha quatro adultos numa sala.

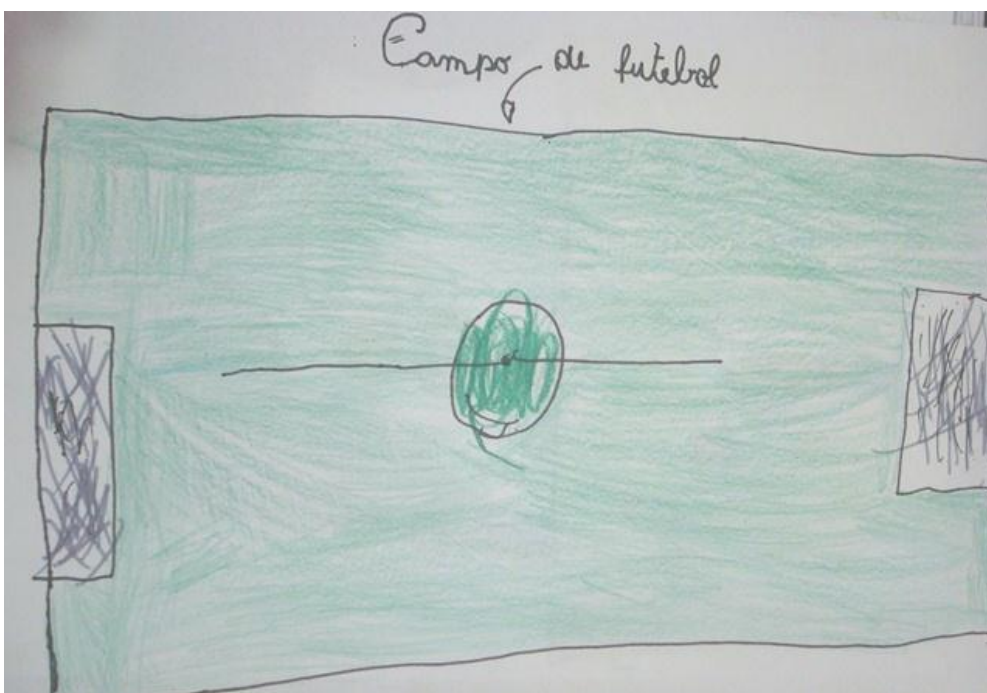
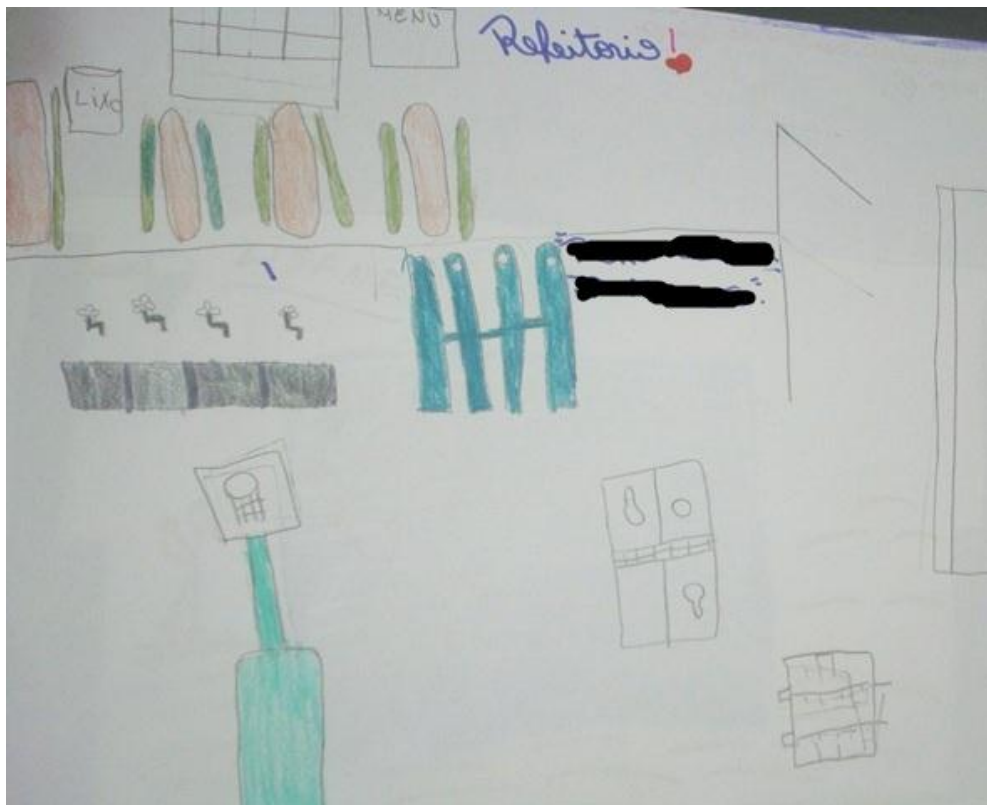
Falou em relação a estagiária da Unifesp (falou coisas da sala e não voltou mais) e disse que gosta sempre de entender, saber o porque das coisas.

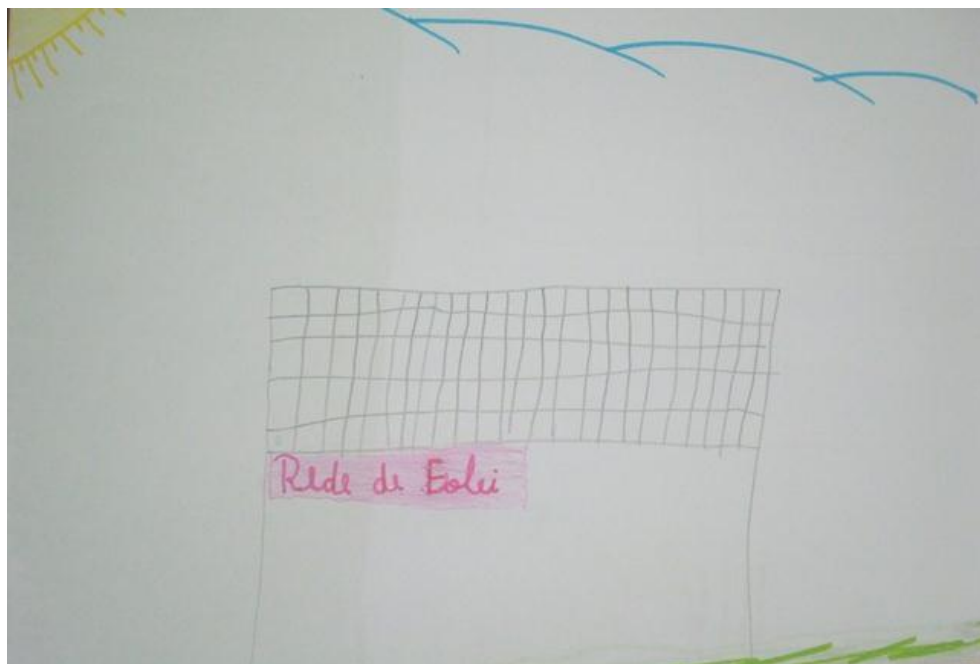
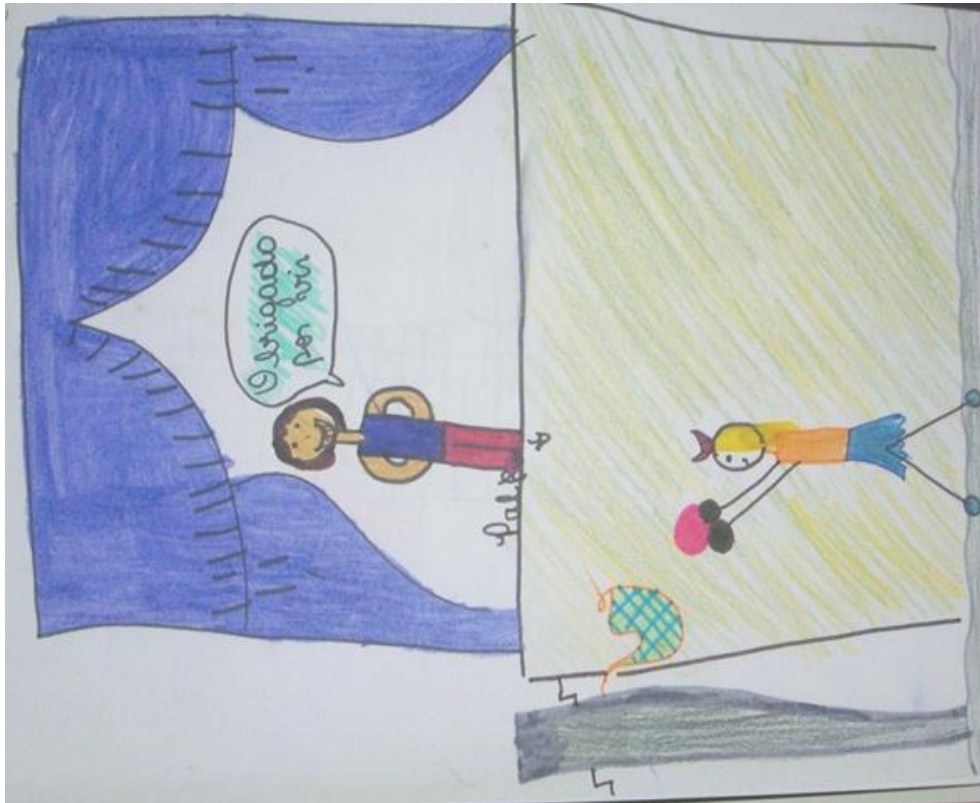
Perguntei sobre a brincadeira do silêncio e ela disse que aprendeu na escola, que nunca tinha visto em outro lugar. Foi com eles mesmo que ela aprendeu.

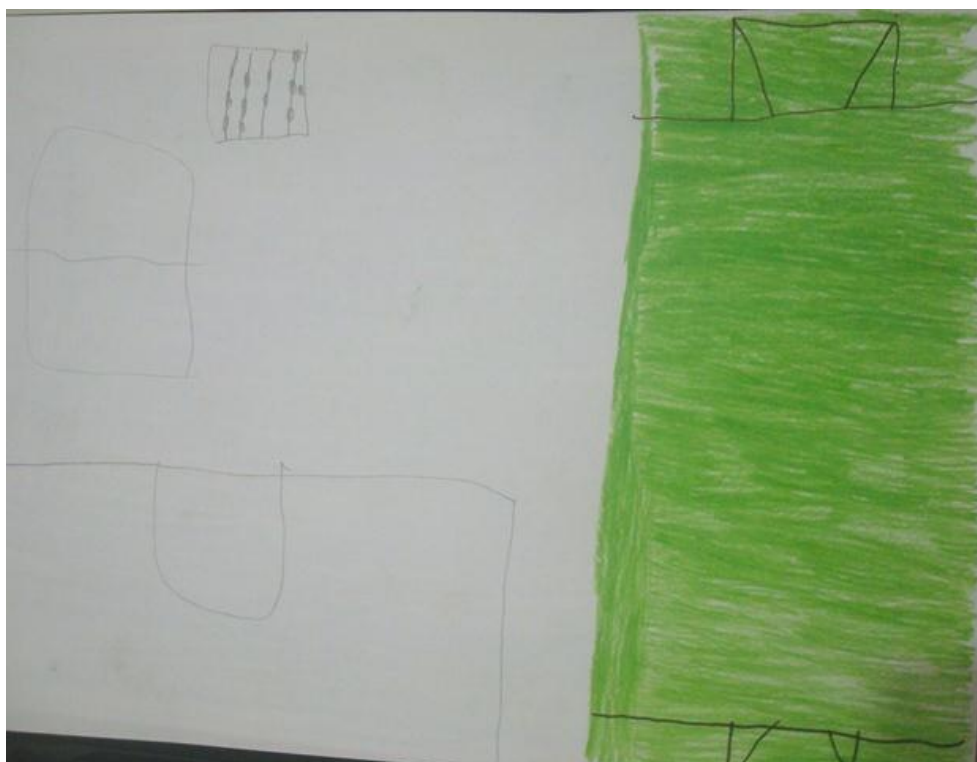
ANEXO 8

Desenhos realizados na Entrevista Grupal













Obs.: Há onze desenhos, porque uma das crianças quis fazer dois desenhos enquanto esperava os outros terminarem.